

## **ARQUITETURA MODERNA NA PRODUÇÃO DE JULIO PECHMAN: UM ESTUDO SOBRE 3 CASAS DOS ANOS 70-80**

Talissa Pinheiro Faszank

Universidade Positivo, R. Prof. Pedro Viriato Parigot de Souza, 5300, Curitiba / PR, Brasil, ta.lissa@hotmail.com

Maria da Graça Rodrigues Santos

Universidade Positivo, R. Prof. Pedro Viriato Parigot de Souza, 5300, Curitiba / PR, Brasil, mrsantos@up.com.br

## RESUMO

Este trabalho caracteriza a produção arquitetônica de Julio Pechmann, significativa na paisagem urbana, na cidade de Curitiba. O estudo é resultado de uma pesquisa de iniciação científica do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Positivo e visa apresentar e analisar as soluções adotadas pelo arquiteto no desenvolvimento de projetos de residências, nas décadas de 70 e 80.

Adota-se, como hipótese de classificação, tal produção como tardo moderna. Este fato decorre da observação inicial do conjunto de residências desse arquiteto, que apresenta elementos incomuns ao repertório do modernismo clássico, trazido para Curitiba pelos cariocas nos anos 50, e pelos paulistas no início dos anos 60, distante também das influências internacionais, que arquitetos locais adotaram claramente.

Os pressupostos teóricos utilizados no desenvolvimento do trabalho, para classificá-lo como tardo moderno, se baseiam no pensamento de historiadores e arquitetos que escreveram sobre o tema, com especial atenção neste trabalho para os livros de William Curtis (2008), sobre arquitetura moderna internacional, Yves Bruand (2003), Henrique Mindlin (1999), Hugo Segawa (1999) e o texto de Maria da Graça Santos (2003), sobre arquitetura moderna brasileira e os livros de Alberto Xavier (1986), Irã Dudeque (2001) e Salvador Gnoato (2009), sobre arquitetura moderna em Curitiba.

As etapas do estudo, que se evidenciam nas análises feitas em três residências projetadas entre os anos 70 e 80, como também suas conclusões, são aqui apresentadas. Neste sentido, foram selecionadas para análise a casa localizada na Rua Assunta Biagini, nº1215 esquina com a Rua Lúcio Rasesa, bairro Bigorrião, datada em 1977, identificada como Casa 1. A casa localizada na Rua Hermes Fontes, nº405, bairro Batel, datada em 1979, identificada como Casa 2. A casa localizada na Rua Fernando Simas, nº1010, bairro Mercês, datada em 1989, identificada como Casa 3.

Os elementos de análise das residências correspondem aos estudos de:

- a) *Inserção urbana*, considerando a escala e os usos do entorno imediato;
- b) *Implantação*, considerando como tais condições topográficas do terreno, a insolação e os ventos predominantes;
- c) *Volumetria*, que visa interpretar ou situar as características modernas das casas;
- d) *Organização dos espaços em plantas*, que visam caracterizar o processo de racionalização adotado.

Os resultados das análises das três residências identificam características que permitem enquadrá-las no período em que a produção arquitetônica foi denominada como tardo moderna, por apresentar elementos arquitetônicos mais expressivos, quase maneiristas, tendendo muitas vezes a incorporar claramente influências regionais, afastando-se do purismo que marcou o modernismo arquitetônico em sua primeira fase.

Nesta perspectiva, podem ser listadas as seguintes características:

- Adoção de telhados com grande inclinação, dominando a composição espacial e destacando-se na paisagem urbana;
- Utilização de recortes nos telhados para varandas e elementos zenitais, para propiciar melhor aproveitamento das condições de ventilação e insolação;
- Áreas generosas para o setor íntimo e de lazer, incorporando inovações, evidenciando o alto poder aquisitivo dos proprietários;
- Alia-se ao item anterior o fato das residências estarem localizadas, em bairros vizinhos ao centro, em áreas de expansão da cidade, voltadas para classe alta.

Apesar da volumetria regular da implantação e do fato de quase sempre estar paralela à linha da divisa, os espaços internos estão organizados em 45°, revelando a dinâmica da composição e distribuição dos cômodos.

**Palavras-chave:** arquitetura moderna; arquitetura moderna em Curitiba; casas modernas;

## ABSTRACT

This study characterizes the architectural production of Julio Pechmann, significant in the urban landscape at the city of Curitiba. The study is the result of an undergraduate research project from the Architecture and Urbanism at University Positivo and aims to present and analyze the solutions adopted by the architect in the development of residential projects at the decades of 70 and 80.

Is adopt as a product classification hypothesis as Late Modern. This fact stems from the observation of the initial set of homes from this architect, who has unusual elements to the repertoire of modernism, brought to Curitiba by Rio de Janeiro natives in the '50s, and from São Paulo citizens in the early 60s, also distant from international that local architects clearly adopted.

The theoretical assumptions used to develop this paper, in order to classify it as late modern, are based on the thought of architects and historians who have written about the subject, with particular attention in the work to the book of William Curtis (2008), on de international modern architecture Yves Bruand (2003), Henrique Mindlin (1999), Hugo Segawa (1999), and the text of Maria da Graça Santos (2003), on modern Brazilian architecture and books Alberto Xavier (1986), Iran Dudeque (2001) and Salvador Gnoato (2009), about modern architecture in Curitiba.

The stages of this study, which show the analysis done in three houses designed in the early 70's and 80's, and its findings, are presented here. In the sense, were selected for analysis the house located at Street Assunta Biagini, nº1215 on the corner of Street Lúcio Rasera, district, Bigorriho, dated in 1977, identified as one House. The house located at Street Hermes Fontes, nº405, district Batel, dated in 1979. The house located at Street Fernando Simas, nº1010, district Mercês, dated in 1989.

The elements correspond to the analysis of residential studies:

- a) *Insertion urban*, considering the scale and uses the immediate surroundings;
- b) *Implementation*, considering how such topographical conditions of the land, the sunlight and prevailing winds;
- c) *Volumetrics*, which aims to interpret or to situate the modern features of the houses;
- d) *Organization of spaces in plants*, intended to characterize rationality in the organization of spaces.

The results of the analysis of three residences identify characteristics that allow fitting them in the period which the architectural production was termed as late modern architectural elements to present more expressive, almost Mannerist often tending to clearly incorporate regional influences away from the Purism which marked the architectural modernism in its first phase.

In this perspective, may be listed the following characteristics:

- Adoption of roofs with slope dominating the composition space and highlighting the urban landscape;
- Use of clippings on the roofs of balconies elements zenith, to provide better utilization of ventilation conditions and insolation;
- Generous areas for the sector intimate and leisure, incorporating innovation, demonstrating the high purchasing power of the owners;
- Continues the previous items the fact the home are located in neighborhoods to downtown, in expending areas of the city, facing the upper class.

Despite the deployment of regular volumes and the facto almost always be parallel to the boundary line, the internal spaces, arranged in 45 °, reveal the dynamics of the composition and distribution of the rooms.

**Keywords:** modern architecture, modern architecture in Curitiba; modern homes;

# ARQUITETURA MODERNA NA PRODUÇÃO DE JULIO PECHMAN: UM ESTUDO SOBRE 3 CASAS DOS ANOS 70-80

## INTRODUÇÃO

A análise da produção arquitetônica de Julio Pechman pressupõe o conhecimento prévio da história da arquitetura moderna, com a identificação de seus princípios, no âmbito internacional e, o modo como tais princípios se expressam no Brasil e em Curitiba. Com isso, apresenta-se aqui uma breve revisão bibliográfica, enfatizando as diversas fases da arquitetura moderna e seus elementos característicos, de modo a inserir historicamente a produção de Julio Pechman.

Segundo William J. R. Curtis (2008), o Movimento Moderno foi uma revolução com fins sociais, bem como arquitetônico, pois buscava reconciliar a industrialização, que punha em risco as cidades e a sociedade, que estavam sendo discriminadas e marginalizadas, e a natureza que sofria todos os reflexos desse processo. Porém as diversas raízes ideológicas acabaram se tornando apenas utópicas e de cunho político, perdendo assim a sua essência original, sendo apenas arquitetônica. Destacaram-se os arquitetos: Le Corbusier com os 5 pontos da arquitetura e o Brutalismo, Mies Van der Rohe com o Minimalismo, Frank Lloyd White com a arquitetura Orgânica, Walter Gropius com a Bauhaus e o Racionalismo, marcando a arquitetura internacional.

Hugo Segawa (1999), pesquisador da arquitetura brasileira, estuda a contribuição do processo da nossa arquitetura em diversas áreas, e assim definindo modernidades distintas, no Arquitetura no Brasil 1900-1990. Segundo esse autor, as vanguardas europeias tão exaltadas no Brasil no início do século XX, que se mostravam claramente na literatura e nas artes plásticas, não alcançaram a arquitetura que expressava apenas uma variação do ecletismo, no movimento neocolonial, como prova a Semana de Arte Moderna em 22, não demonstrando a mesma relevância das outras artes.

Já Henrique Mindlim (1999), em seu livro Arquitetura Moderna no Brasil, conta como a arquitetura moderna nacional desenvolveu-se de forma bastante rápida e por mãos jovens, no período que compreendeu as décadas 1930 e 1940, que coincidiram com a construção de Ministério de Educação e Saúde, o MES (1936-1943). Para Mindlim (1999) o arquiteto Lúcio Costa desempenhou um importante papel nessa mudança, como também os acontecimentos da Semana de Arte Moderna de 1922 e a Revolução de 30 liderada por Getúlio Vargas.

Segundo esse mesmo autor, não demorou, para a arquitetura sentir os reflexos da Semana de Arte Moderna e já em 1925 foram publicados os primeiros manifestos modernistas, bem como a construção das primeiras residências utilizando a nova linguagem, de autoria do arquiteto Gregory Warchavchik, que também montou uma exposição em 1928 em São Paulo, atraindo um grande público, e a ira de professoras da área, que ainda acreditavam na arquitetura clássica. A

passagem de Le Corbusier pelo Brasil, em São Paulo e no Rio em 29 contribuiu ainda mais para a consolidação do movimento moderno no Brasil, que influenciou todo o país, colocando posteriormente a arquitetura brasileira em destaque no cenário internacional (MINDLIM, 1999).

Dentre os autores do projeto do Ministério da Educação e Saúde, liderados por Lúcio Costa e assessorados por Le Corbusier, quem mais se destacou, não só no Brasil como no mundo, foi Oscar Niemeyer, que mais tarde consolidaria a arquitetura brasileira no Pavilhão do Brasil na feira de Nova York, junto com Lúcio Costa.

A arquitetura Corbusiana teve grandes adeptos no país, com as estruturas em concreto armado, possibilitando grandes vãos em estruturas mais leves. Os fechamentos em brise-soleil, técnica desenvolvida no Brasil, para proteger as janelas do sol tropical, e painéis de azulejos pintados por grandes pintores, como por exemplo, Portinari e, mais tarde Athos Bulcão. Tais características marcam a arquitetura moderna nacional. (MINDLIM, 1999).

Yves Bruand (2003) é autor de um importante livro sobre arquitetura moderna no Brasil, intitulado Arquitetura Contemporânea no Brasil, resultado de sua tese de doutorado na França, no qual explica o desenvolvimento dessa arquitetura, desde as manifestações iniciais, aos primeiros anos após a construção de Brasília, sem uma periodização rígida. Aborda aspectos da história dessa arquitetura, mas também cita e analisa edifícios de grande importância para o contexto brasileiro.

Bruand começa o livro caracterizando o país e descrevendo o impacto da nova arquitetura nas cidades. Para ele, o meio físico brasileiro influenciou muito sobre a arquitetura, considerando que na sua extensão territorial se encontram diferentes tipos de relevo, clima e mesmo de vegetação. Também considera a influência da tecnologia e dos fatores econômicos como determinantes no desenvolvimento da nova linguagem arquitetônica nacional. O Brasil havia saído de uma sociedade extremamente tradicional, decorrente do modelo econômico e cultural do período Colonial, para uma sociedade industrializada, com uma rápida integração dos novos imigrantes vindo da Europa no século XIX. Com isso, o crescimento das cidades teve um ritmo acelerado e houve o aquecimento do mercado imobiliário. Com o poder econômico nas mãos da burguesia, formou-se uma grande clientela para os arquitetos, que trabalhavam com total liberdade. Foi a iniciativa privada que promoveu as principais mudanças nas cidades, com as verticalizações. Ainda assim, o poder público muito contribuiu para o desenvolvimento da arquitetura moderna.

Em seguida, o autor apresenta as principais influências no desenvolvimento da arquitetura moderna e enfatizando, neste sentido, o papel dos arquitetos Walter Gropius, Mies Van der Rohe e de Le Corbusier, arquitetos que melhor adaptaram-se no cenário brasileiro. Ainda segundo Bruand, a Semana de Arte Moderna, de 1922, não teve grandes repercussões na arquitetura, mas foi decisiva para criar um ambiente favorável para o desenvolvimento de novas ideias. Assim como Mindlim (1999), Bruand (1997) destaca a atuação de Warchavchik, que teve a oportunidade de disseminar as ideias das vanguardas europeias, dando finalmente o início da nova arquitetura.

No Rio de Janeiro houve uma súbita eclosão da produção arquitetônica a partir de 1936, com grandes destaques a equipe de jovens formados pela escola de Belas Artes, que entenderam as mudanças e começaram a desenvolver, aprimorar seus conhecimentos e a desenvolver projetos seguindo as novas orientações. Nesse processo, destacaram-se Lúcio Costa, com Atílio Correa Lima, Raphael Galvão, Paulo Antunes Ribeiro, desertores da arte neocolonial, e outros mais jovens, como Afonso E. Reidy, Jorge M. Moreira, Ernani Vasconcellos e Marcelo Roberto, seguidores das teorias de Le Corbusier (BRUAND, 2003).

Paralelamente aos acontecimentos em São Paulo e no Rio, no Recife um jovem formado na escola de Belas Artes, também desenvolveu os princípios modernos junto com seus colaboradores e mais tarde revelaria todo seu potencial, Roberto Burle Marx, que se tornaria conhecido pela execução de belos jardins e parques.

O ano de 1936 foi um marco na história da arquitetura brasileira, principalmente pela visita de Le Corbusier, que veio para o Brasil, para assessorar a equipe encarregada do projeto de Ministério da Educação e Saúde. O resultado do trabalho no edifício do MES, concluído em 1943, transformou decisivamente a arquitetura brasileira, que se tornou reconhecida internacionalmente. As semanas de trabalho com Cobursier não marcaram somente os autores do projeto do MES, mas toda uma geração, com novos pensamentos e a valorização do ambiente brasileiro, como também a utilização de matérias nacionais e não mais importados (BRUAND, 2003).

Segundo o autor além da equipe de Lúcio Costa, para o Ministério destacou-se de forma prematura e determinante a dupla de irmãos Marcel e Milton Roberto, com a autoria da primeira grande obra utilizando a nova linguagem, que data 1938, anterior a do MES (1943), que foi a sede social do ABI – Associação Brasileira da Imprensa.

Yves Bruand (2003) afirma que, contudo a grande revelação desde o projeto do MES foi Oscar Niemeyer. A sua rápida ascensão deu-se pelo grande apoio de Lúcio Costa, cuja parceria o levou a execução do Pavilhão do Brasil na Feira Internacional de New York, de 1939, cujo projeto de caráter temporário, configurava-se como uma construção simples, harmoniosa e equilibrada, executada em estrutura metálica, que permitia a flexibilidade baseada no jogo de curvas.

Após o sucesso em New York, outro grande projeto chega às mãos de Oscar Niemeyer, O Grande Hotel de Ouro Preto, no qual não abriu mão do caráter moderno, mas procurou integrá-lo ao meio urbano, dominado por construções do século XVIII.

A construção do Grande Hotel de Ouro Preto colocou Niemeyer em contato com o Prefeito de Belo Horizonte, Juscelino Kubichek, que entusiasmado com seu talento decidiu entregar em suas mãos a tarefa de construir um conjunto de edifícios em torno do Lago da Pampulha, com cinco edifícios: um cassino, um clube, um salão de danças populares, uma igreja e um hotel para férias, o último não foi construído, (BRUAND, 2003).

O autor afirma que ao final da Segunda Guerra Mundial a nova arquitetura brasileira obteve prestígio no exterior e também o reconhecimento como um movimento autônomo. Lúcio Costa, um dos arquitetos com maior destaque no Brasil, contribuiu não só com obras individuais ou coletivas, como também no plano teórico da arquitetura, afirmando que a técnica, o aspecto social e a plástica contêm a mesma responsabilidade para o sucesso do edifício.

Contudo a arquitetura brasileira apresenta-se para o mundo com características bem claras e marcantes com: grandes vãos em concreto armado, fachadas com fechamento em brise-soleil, painéis de azulejos pintados por grandes pintores.

Em Curitiba, o desenvolvimento da arquitetura moderna foi inicialmente analisada por Alberto Xavier (1985), autor do Livro Arquitetura Moderna em Curitiba, que a contextualiza a cidade em relação ao Paraná, analisando obras com linguagens já citadas, em diferentes tipologias arquitetônicas.

O autor traz os primeiros registros da arquitetura moderna do Paraná, que datam o começo da década de 1930 quando Frederico Kirchgassner projeta a primeira casa moderna na capital, simultaneamente às casas modernas de São Paulo, de Gregory Warchavchki, embora o acontecimento de vanguarda não contagiasse a cidade, e Curitiba passa despercebida nos próximos anos.

Nos anos 40, o arquiteto Vilanova Artigas, curitibano formado em São Paulo, autor de projetos residenciais, contribuiu consideravelmente na produção arquitetônica moderna na capital. Xavier ressalta que os engenheiros destacaram-se no cenário da arquitetura de Curitiba em decorrência do curso de Arquitetura da UFPR (Universidade Federal do Paraná), criado em 1962, possuir professores com formação acadêmica em engenharia, lecionando disciplinas técnicas, porém relata a necessidade e a importância da chegada dos arquitetos recém-formados em outras cidades brasileiras, para lecionar composição, no curso.

Até a metade da década de 70 o saldo na arquitetura foi positivo na capital, com a ampliação significativa de profissionais, com o Plano-Diretor implantado pelo IPPUC (Instituto de Pesquisa e Planejamento de Curitiba) que viabilizou uma frente expressiva de trabalhos para os novos arquitetos.

Irã Taborda Dudeque (2001) autor de Espirais de Madeira: Uma História da Arquitetura de Curitiba, explica o papel da arquitetura no processo cultural, econômico e político na capital paranaense entre o período de 1920 até 1990. Segundo o autor, Curitiba encontra na arquitetura uma maneira de se apresentar não só para o Brasil, mas para o mundo, apresentando, a partir dos anos 1970, uma série de soluções urbanísticas, passando a ser um modelo de desenvolvimento urbano planejado.

A partir desse período há uma “explosão” de projetos modernos, decorrente da presença de arquitetos paulistas e cariocas que vieram para lecionar, no curso da UFPR já citado.

Segundo Dudeque, para entender o desenvolvimento da arquitetura moderna em Curitiba é essencial conhecer a atuação do Governador do Estado do Paraná, de Bento Munhoz da Rocha, que encomendou obras em 1953 para a comemoração do Centenário da Emancipação Política do Paraná.

O autor mostra ainda alguns nomes de arquitetos que se destacam em obras de residências: os irmãos Gandolfi, Luiz Forte Netto, Eglson Gomes, Gerhard Leo Linzmeyer e, mais tarde, Jaime Lerner e Domingos Bongestabs, dentre outros.

Segundo a autora do texto Arquitetura Moderna Brasileira, dos Pioneiros a Brasília Maria da Graça Santos (2003), a década de 50 na capital paranaense foi marcada pela participação dos arquitetos paulistas, Adolf Franz Heep e Osvaldo Arthur Bratke, e cariocas, como Ernani Vasconcelos, Sérgio Bernardes, Paulo Antunes Ribeiro e Ulisses Burlamaqui. A participação dos cariocas estendeu-se até o início dos anos 60, com a participação de Jorge Ferreira, José Genuíno de Oliveira, Bernardes, juntamente com Marcos de Vasconcelos, e Oscar Niemeyer. Contudo, pode-se afirmar que foram os paulistas que exerceram maior influência sobre os jovens arquitetos curitibanos, através do ensino no Curso de Arquitetura da Universidade Federal do Paraná.

O livro Arquitetura do Movimento Moderno em Curitiba escrito por Salvador Gnoato (2009) também relata os passos do movimento moderno na capital, evidenciando os grandes acontecimentos, mas também os movimentos isolados com obras de diversos arquitetos.

Segundo o autor Curitiba no início do século XX adota nos edifícios institucionais o Art' Decó como linguagem moderna, com isso a primeira casa modernista de Frederico Kirchgassner não teve grandes repercussões, sendo "redescoberta" nos anos 70.

Gnoato (2009) e Dudeque (2001) destacam a meta de governo de Bento Munhoz da Rocha, com as obras arquitetônicas em 1953. Que envolvia os projetos e as construções do Centro Cívico, com projetos da equipe dos arquitetos Olavo Reidig de Campos, Flávio Régis do Nascimento e Sérgio Rodrigues, coordenados por David Xavier Azambuja, a Casa da Criança, de Edmir D'Avila, a Biblioteca Pública do Paraná, de Romeu Paulo da Costa, o Teatro Guaíra e o Colégio Tiradentes, de Rubens Meister e a Praça 29 de Dezembro.

A arquitetura moderna de Curitiba segue principalmente as características paulistas com o brutalismo do concreto armado, tanto nos edifícios públicos como nas residências, nos edifícios comerciais adoto-se em sua grande maioria o minimalismo. A presença de elementos artísticos nos projetos com painéis de gravuras em relevo no concreto, ou mesmo os azulejos marcam a cidade. Nas residências grande ênfase nas coberturas com grandes telhados ou laje com elementos em destaque em cima, vão generosos para as aberturas, e o uso mesclado de concreto, vidro e madeira. Além do seu planejamento urbano reconhecido internacionalmente.



## AS RESIDÊNCIAS

A produção arquitetônica de Julio Pechman é dotada de inúmeros projetos de diferentes tipologias. A escolha das casas do período indicado deve-se inicialmente pelas quais correspondiam com a linguagem moderna a partir da seleção prévia foram escolhidas as três casas que mais tinham materiais para as análises.

As três casas escolhidas para análise neste projeto estão indicadas a seguir, com seus respectivos endereços, na cidade de Curitiba:

Casa 1 – localizada na Rua Assunta Biagini, nº1215 esquina com a Rua Lúcio Rasera, bairro Bigorrião, datada em 1977.

Casa 2 - localizada na Rua Hermes Fontes, nº 405, bairro Batel, datada em 1979.

Casa 3 - localizada na Rua Fernando Simas, nº 1010, bairro Mercês, datada em 1989.

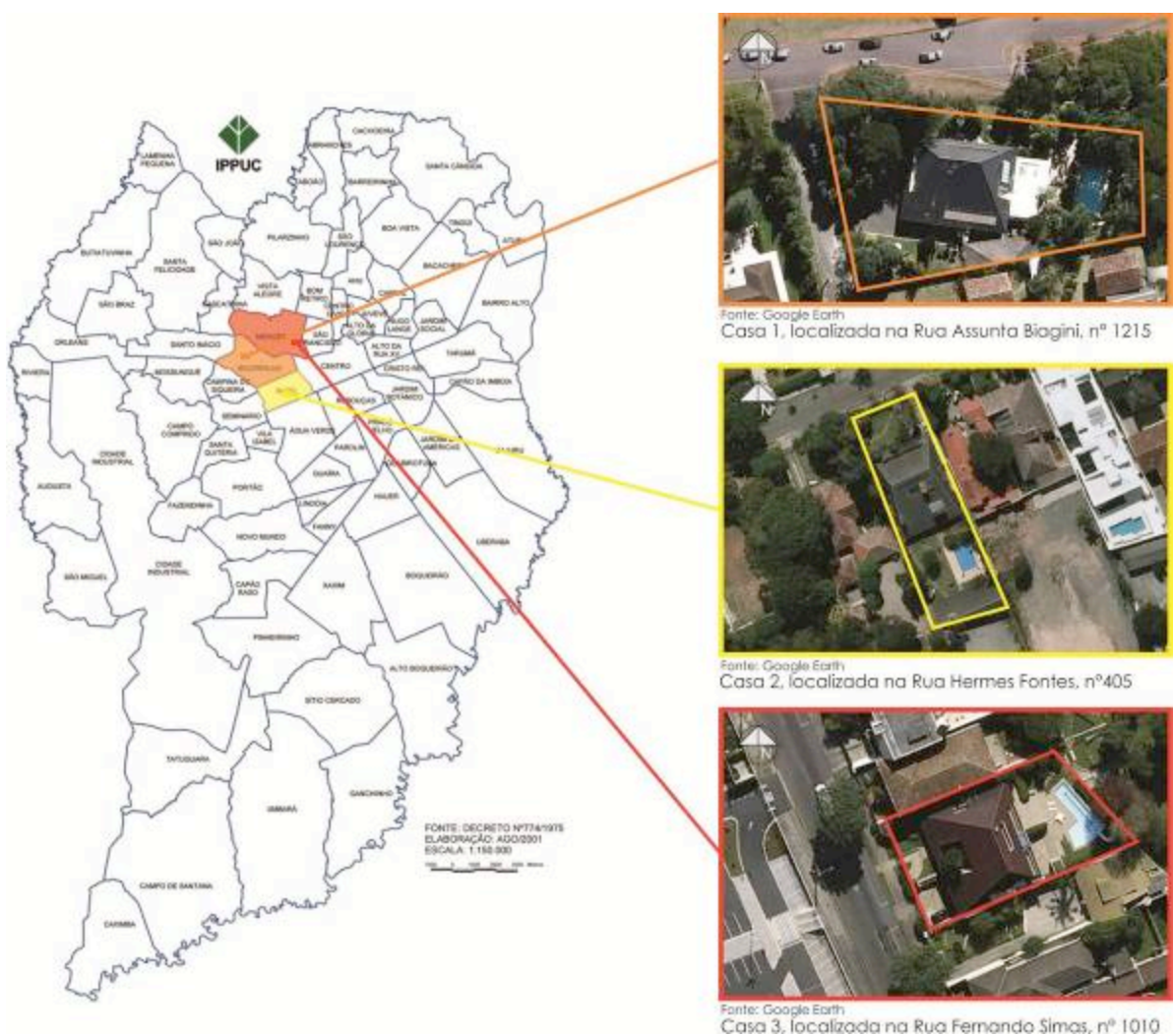


Figura 01. Localização das três casas analisadas.

Com redesenho do projeto arquitetônico (plantas, cortes e elevações) levantamento fotográfico da residência e do seu entorno imediato para analisar os elementos correspondentes a estudos de:

- a) Inserção urbana, que visam entender o modo como o arquiteto interpreta as características do lugar onde as casas estão implantadas, considerando a escala e os usos do entorno imediato, bem como as vias que lhe dão acesso;
- b) Implantação, que visam entender o modo como o arquiteto interpreta as condicionantes do lugar no seu projeto, considerando como tais as condições topográficas do terreno, a insolação e os ventos predominantes;
- c) Volumetria, que visa interpretar ou situar as características modernas das casas projetadas pelo arquiteto, tomando como referência para análise o repertório característico da arquitetura moderna, considerando a fase inicial, de influência carioca, a fase brutalista e a fase posterior, que se desenvolve a partir dos anos setenta e incorporam, por um lado novas tecnologias e, por outro, elementos de cunho regionalista;
- d) Organização dos espaços em plantas, que visam caracterizar a racionalidade na organização dos espaços.

## CASA 1

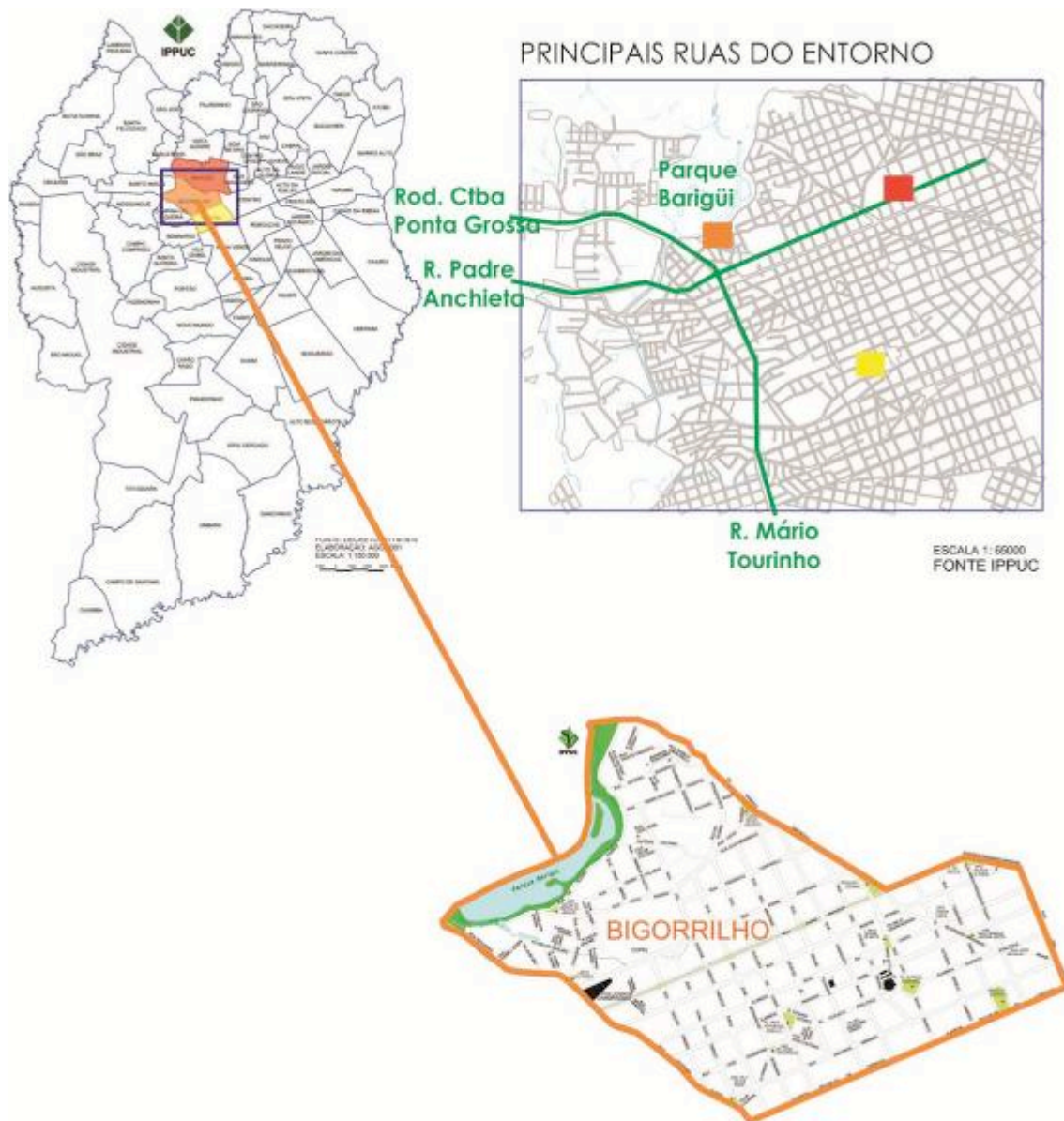


Figura 02. Mapa do entorno da Casa 1 em laranja.

A Casa 1 objeto de estudo localiza-se na localizada na Rua Assunta Biagini, nº1215 esquina com a Rua Lúcio Raser, bairro Bigorriho, datada em 1977 (Figura 03). O bairro Bigorriho (também conhecido como Champagnat) situado em uma área nobre da cidade de Curitiba e abriga a maior quantidade de edifícios da cidade com toda infraestrutura no mesmo padrão. O bairro apresenta o Parque Barigui com uma de suas áreas de lazer como também praças e jardinetes. Possui ainda acesso a uma grande Rodovia (BR-277- Curitiba Ponta Grossa) e ainda liga ao interior do estado do Paraná.



Fonte: Google Earth

Figura 03. Localização da Casa 1.



Figura 04. Vistas a partir das ruas Assunta Biagini e Lúcio Rasera respectivamente. Fonte: Autora.

A vizinhança da Casa 1 existe um predomínio de edificações residenciais unifamiliares (Figura 05) de alto padrão, e com pouco comércio vicinal, as edificações chegam até três pavimentos (figura 06). A dinâmica da região chega a dois picos, o predomínio de residências faz com que durante a semana demonstra-se pacata, porém a proximidade do Parque Barigüi agita seus finais de semana e feriados, com a presença de pessoas de toda a cidade.



Escala: 1:2500

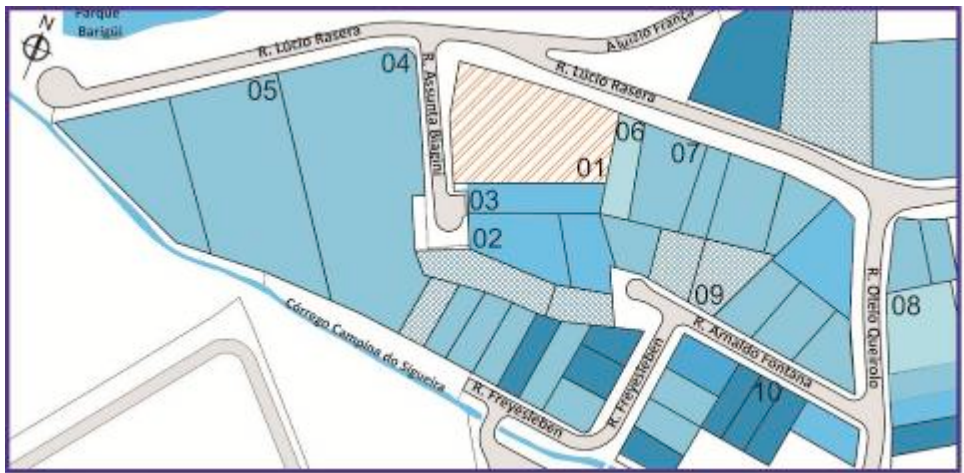
Figura 05. Tipologia Arquitetônica.



Escala: 1:2500

Figura 06. Gabarito das edificações.

Existe um predomínio de edificações contemporâneas, porém o entorno da Casa 1 é dotado de diferentes linguagens arquitetônicas. E apenas dois edifícios do seu entorno imediato apresentam características modernas (Figura 07).



Escala: 1:2500



Fotos: Autora. Figura 07. Linguagem Arquitetônica.

As fachadas principais estão orientadas para norte e noroeste. Como também seus principais cômodos recebem boas insolações a norte e nordeste. A Casa dispõe de boa ventilação, pois todas as faces estão soltas das divisas do terreno. Sendo os melhores ventos respectivamente são Sudeste, Sudoeste e Sul (Figura 08).



Fonte: Google Earth

Fonte: SINEPAR (2007)

Figura 08. Insolação e ventilação.

A implantação da residência localiza-se na parte mais plana do terreno, pois o desnível chega a nove metros em direção à Rua Lúcio Rasera (Figuras 09 e 10).

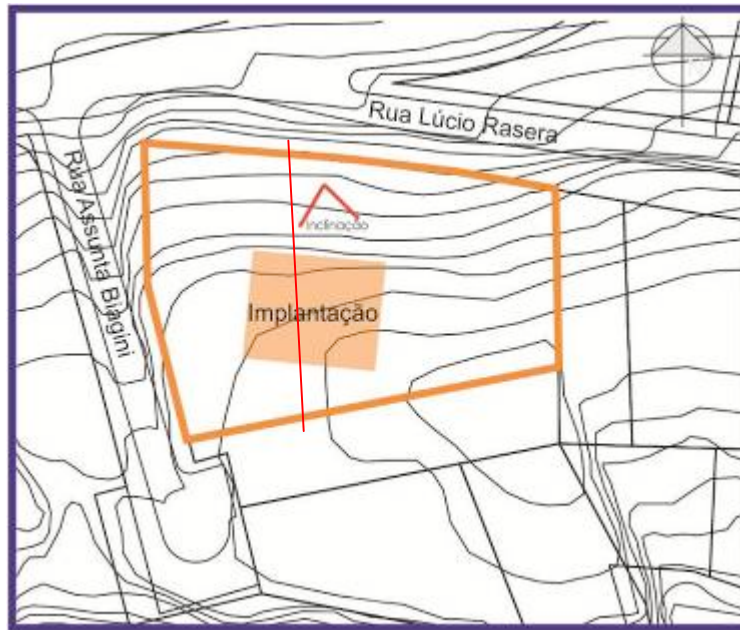


Figura 09. Topografia.



Figura10. Corte AA desnível do terreno.

A casa 1 apresenta claramente a entrada social de pedestres e veículos Rua Assunta Biagini e a de serviços Rua Lúcio Raseira (Figuras11 e 12).

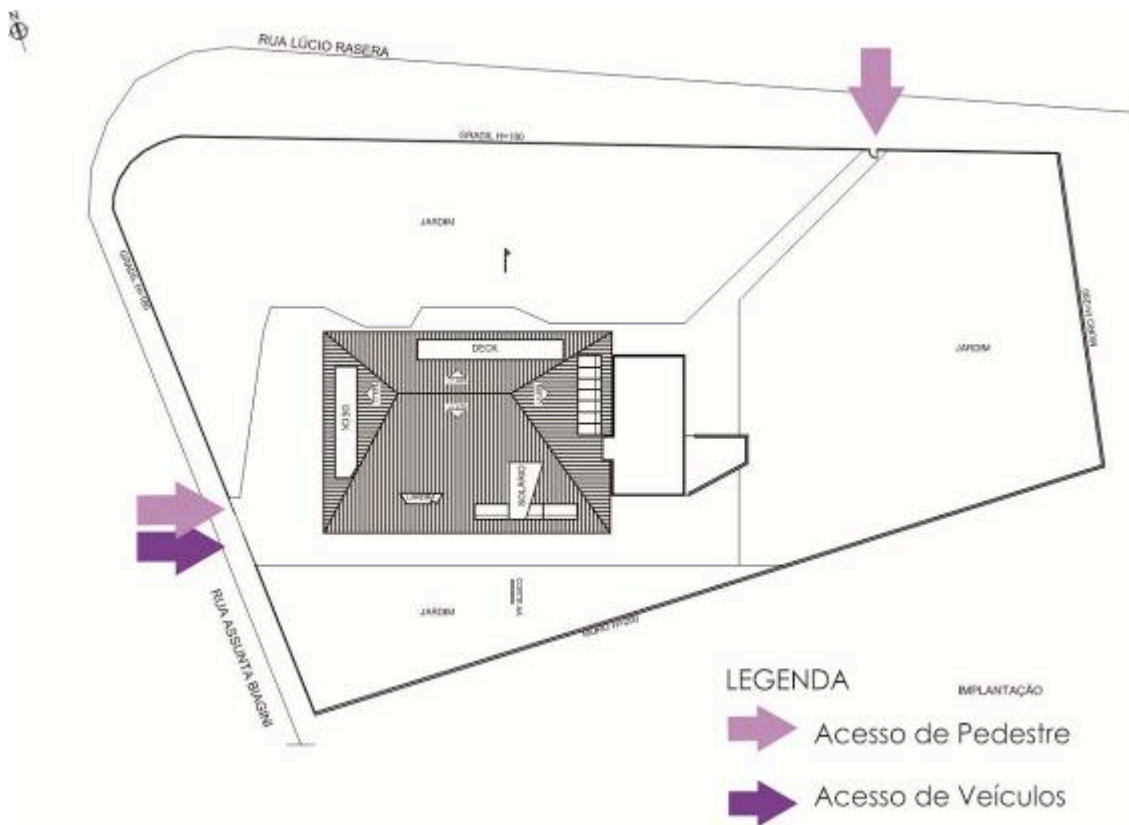


Figura11. Implantação com acessos.



Figura12. Imagens dos acessos. Fonte: Autora.

A implantação da casa está voltada para a Rua Assunta Biagini com acesso principal (Figura12). Apresenta afastamentos frontal e lateral com jardim, e ao fundo jardim (Figura13), suas vegetações são predominantemente rasteiras e possui grandes massas de árvores (Figura14) com paisagismo contemporâneo. A proximidade do Parque Barigüi, faz com que o Arquiteto volte os dormitórios e os cômodos sociais para essa visual (Figura14).



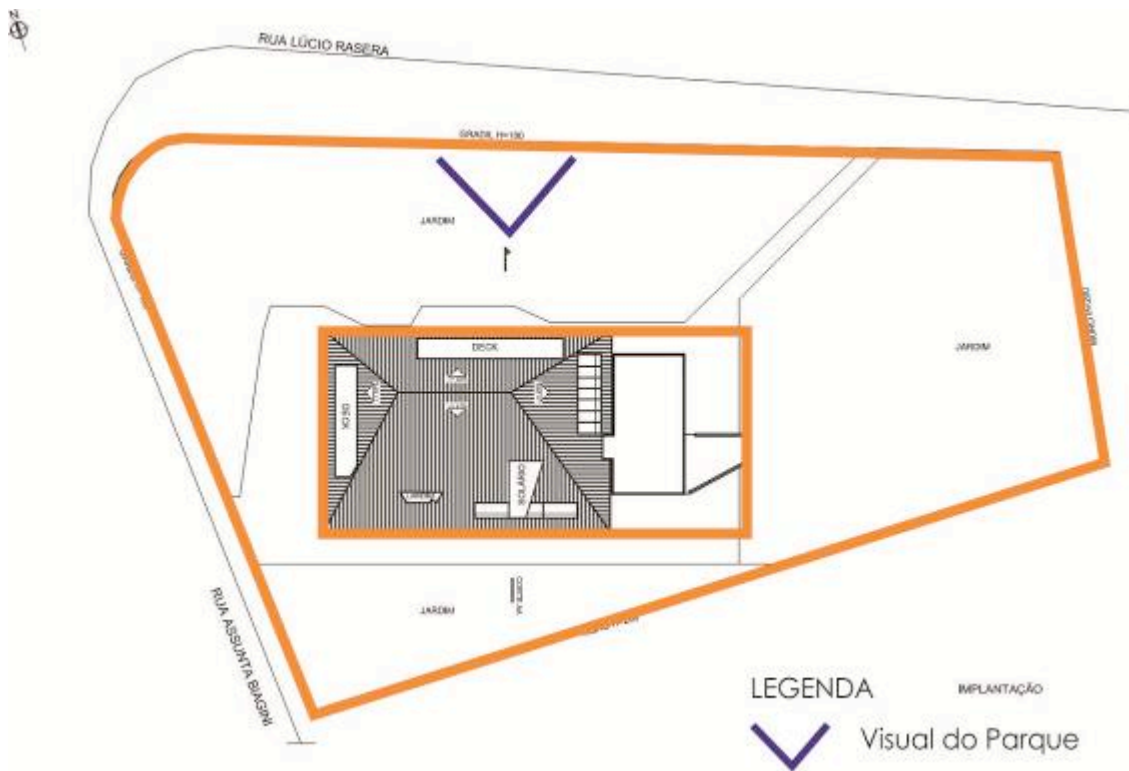


Figura13. Implantação – Afastamento das divisas e visual para o Parque Barigui.

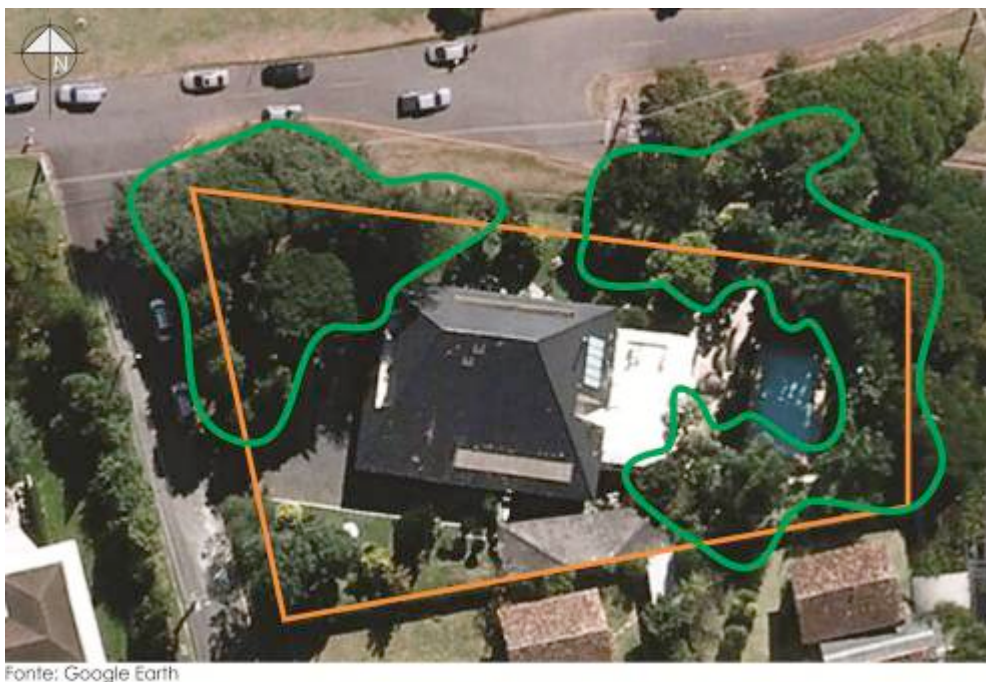


Figura14. Massas de vegetação.

A composição volumétrica da residência apresenta-se em um volume com dois pavimentos em forma retangular, com cobertura pirâmidal em quatro águas que domina toda a composição espacial, com inclinação marcante (Figura15) e aberturas em todas as orientações, com vãos

generosos proporcionando boa iluminação e ventilação aos ambientes, para marcar as varandas e para iluminação zenital (Figura15 e 16).

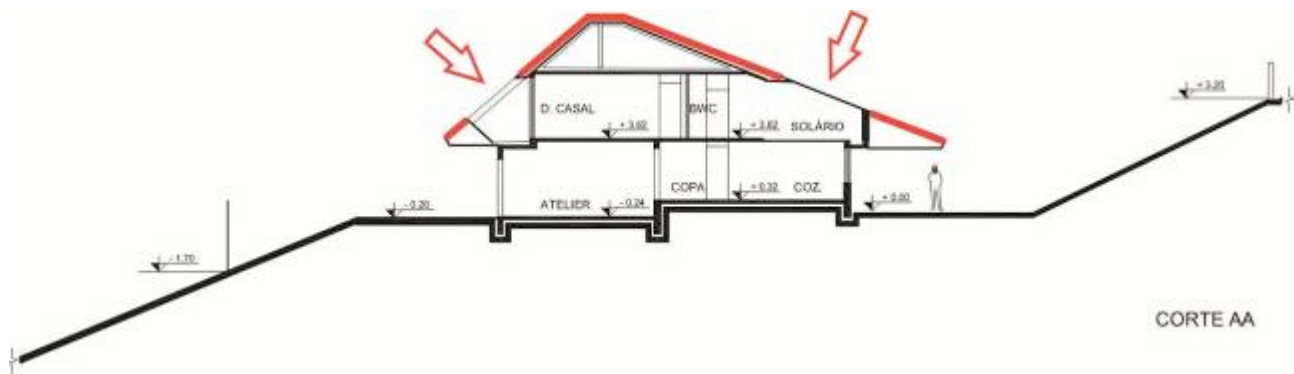


Figura15. Corte AA – Inclinação do telhado e aberturas varanda e zenital.



Figura16. Aberturas no telhado para marcar as varandas e zenital.

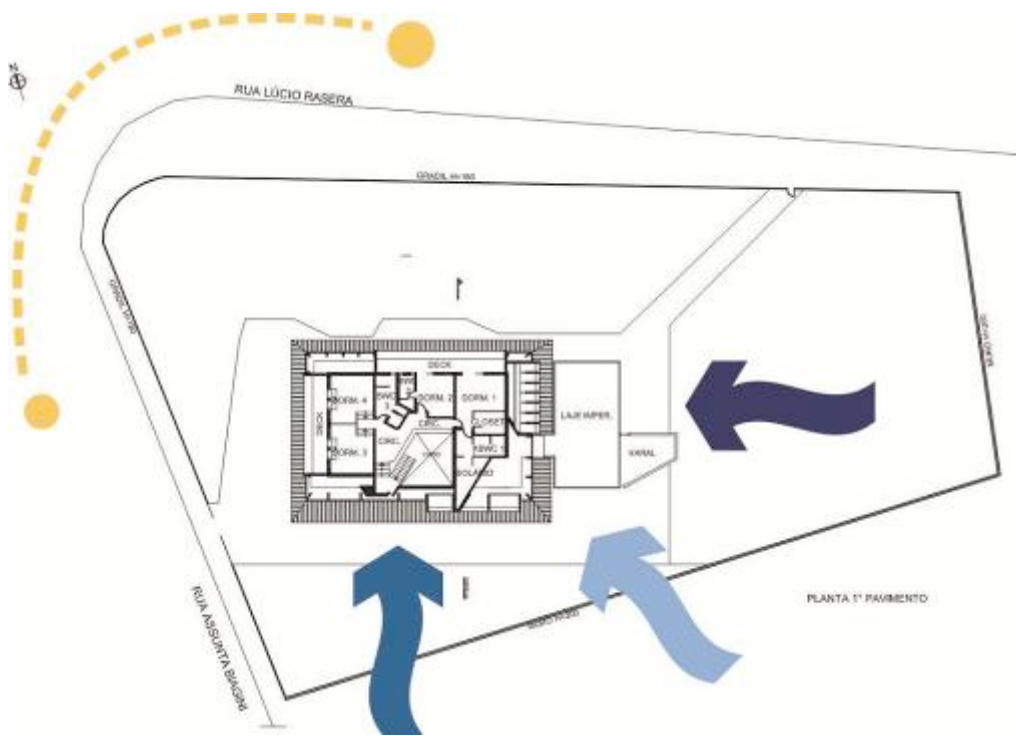
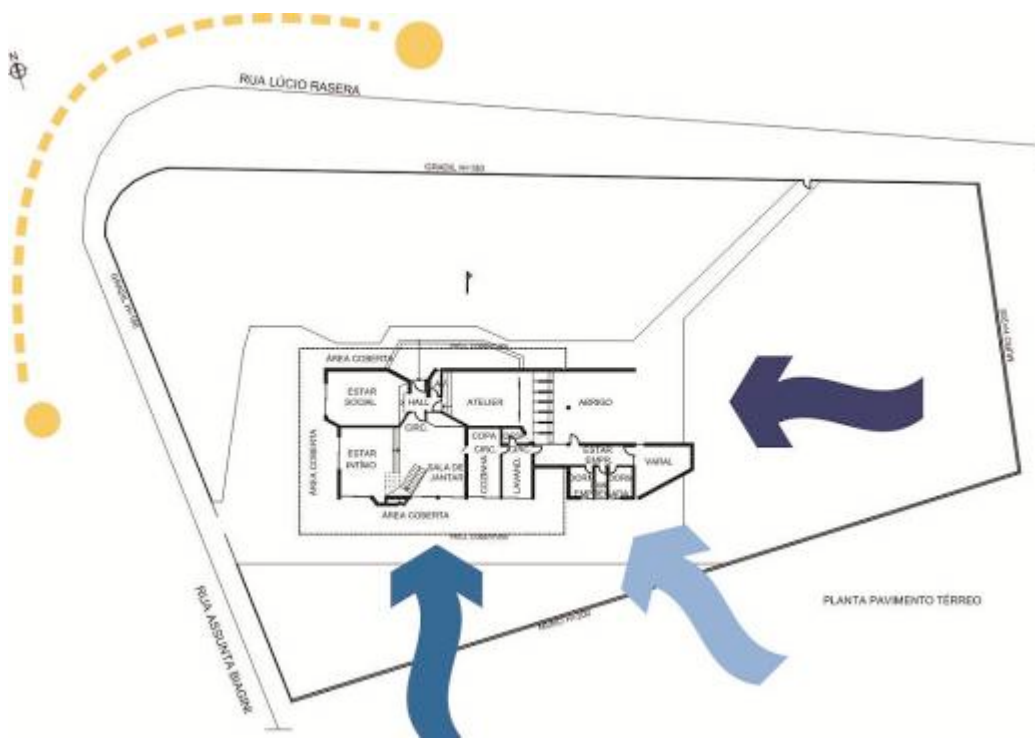
A cobertura com telhas escamas de peixe apresentam inclinações superiores a 100% (Figura17).



Figura17. Inclinação do telhado e telha escama de peixe. Fonte: Autora

As plantas revelam a distribuição dos cômodos de acordo com a insolação, ventilação e visuais com potência do terreno. Os dormitórios 1, 2 e 4 recebem a melhor insolação que está a nordeste como também a sala estar social e hall e atelier. Os cômodos que recebem a insolação sudoeste são: estar íntimo, sala de jantar o setor se serviços e o dormitório 3, devido terem menor importância comparados com os principais dormitórios.

A ventilação da residência é inversamente proporcional à insolação, os cômodos melhores ensolarados não recebem o melhor vento e vice-versa. Porém toda casa é bem ventilada devido ao afastamento das divisas (Figura18).



LEGENDA (ventilação)

-  Sul
-  Sudoeste
-  Sudeste

LEGENDA (insolação)

-  Trajetória do sol

Fonte: SIMEPAR (2007)

Figura18. Plantas Pav. Térreo e Superior. Ventilação e insolação.

A residência de alto padrão valoriza principalmente o setor íntimo com 46% da área total da casa (Figuras 19 e 20), o que a diferencia das demais casas do mesmo padrão de sua época que valorizavam principalmente o setor social das casas. Apresenta cômodos característicos dos anos 70, como dormitório e dependências de empregada (Figuras 19 e 20).



Figura 19. Plantas Pav. Térreo e Superior. Setores.

<b>Intimo</b>	<b>190,35 m<sup>2</sup></b>	<b>Social</b>	<b>62,80m<sup>2</sup></b>	<b>Serviço</b>	<b>109,30 m<sup>2</sup></b>
Estar	30.15 m <sup>2</sup>	Estar Social	34.10 m <sup>2</sup>	Cozinha	11.70 m <sup>2</sup>
intimo	32.35 m <sup>2</sup>	Hall	06.60 m <sup>2</sup>	Dispensa	02.95 m <sup>2</sup>
Atelier	26.85 m <sup>2</sup>	Sala de Jantar	20.00 m <sup>2</sup>	Copa	04.65 m <sup>2</sup>
Varandas	63.20 m <sup>2</sup>	Lavabo	02.10 m <sup>2</sup>	Lavanderia	10.70 m <sup>2</sup>
Dormitórios	39.20 m <sup>2</sup>			Dormitórios emp.	12.00 m <sup>2</sup>
BWCs	06.05 m <sup>2</sup>			Banheiro emp.	03.20 m <sup>2</sup>
Closet				Estar emp.	08.55 m <sup>2</sup>
				Estar emp.	38.70 m <sup>2</sup>
				Garagem	16.85 m <sup>2</sup>
<b>Área total 413.20 m<sup>2</sup></b>					

## SETORES

■ Intimo ■ Social ■ Serviço ■ Circulação

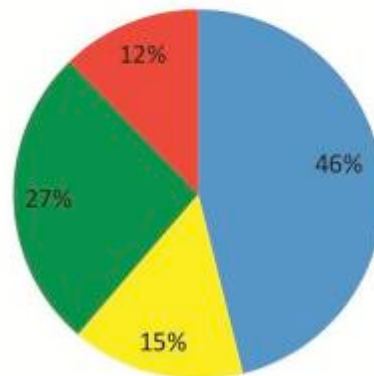


Figura 20. Tabela e gráfico com setores da residência.

A Casa número 01 sofreu algumas alterações no projeto original do arquiteto, devida a necessidades humanas mudarem com o passar do tempo, pois uma família dos anos 2.000 tem outro ritmo de vida do que as dos anos 70. Sendo assim confirmada com algumas alterações projectuais. O abrigo antes aos fundos, agora abre espaço para uma sala de estar íntimo conectada com a piscina (em vermelho, Figura 21), o abrigo passa a ser na frente da residência facilitando a entrada de veículos (em vermelho, Figura 21). O atelier não mais usado apresenta-se em uma sala de jantar mais ampla (em amarelo, Figura 21). Aproveitando o grande vão do telhado na varanda, cria-se uma pequena sala de estar menos formal e amplia-se a cozinha e lavanderia (em azul, Figura 21).

O telhado também sofre algumas alterações, com o fechamento das zenitais do solário e da lareira (em laranja, Figura 21). A construção de uma edícula na lateral do terreno, para ampliar a área de serviço (em laranja, Figura 21) (Figura 22).

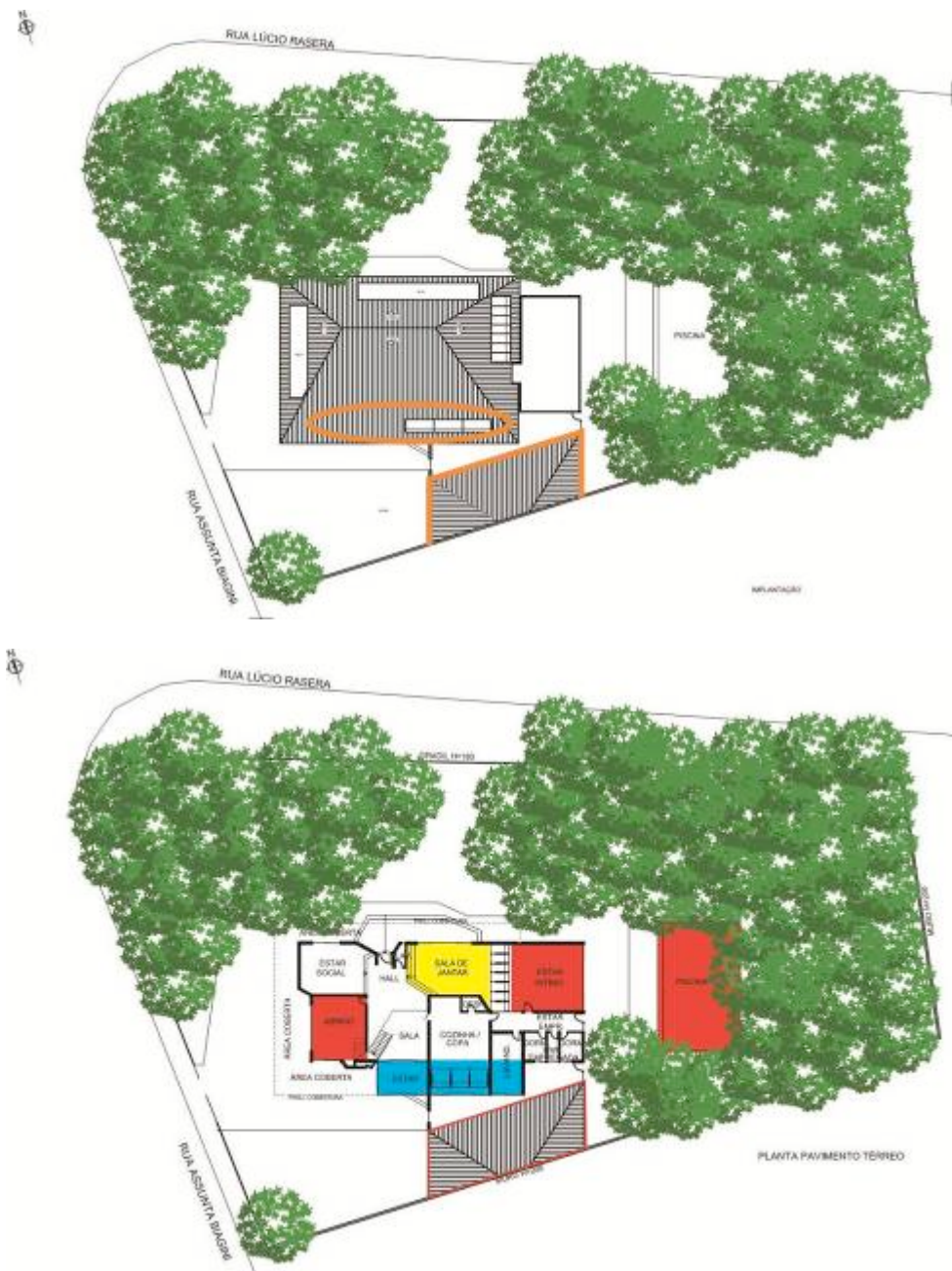


Figura 21. Implantação e Planta Térrea – Modificações do projeto arquitetônico.



Figura 22. Piscina aos fundos da casa e edícula na área de serviços. Fonte: Autora.

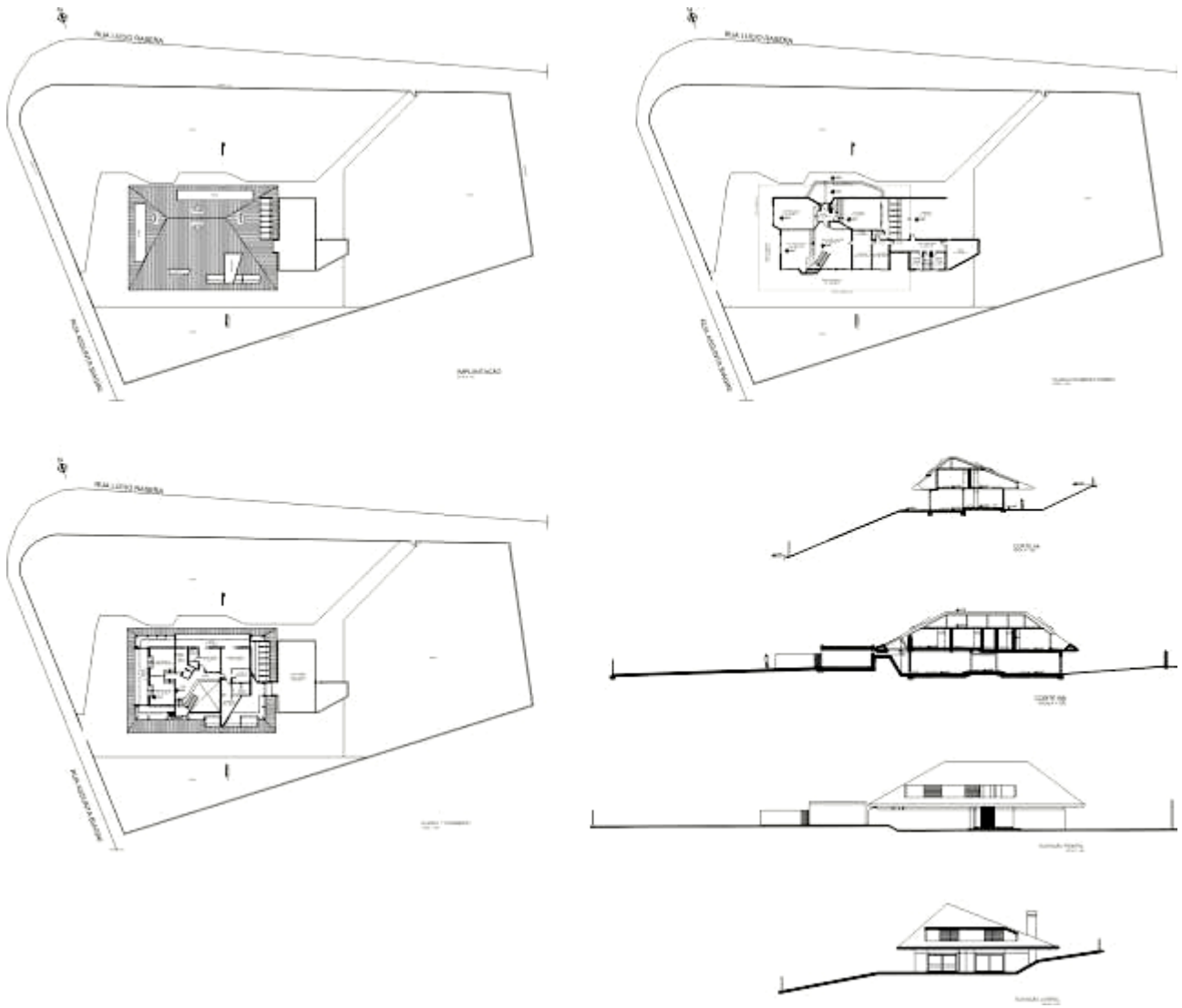


Figura 23. Redesenho do projeto arquitetônico Casa 1.



## CASA 2



Figura 24. Mapa do entorno da Casa 2 em amarelo.

A Casa 2 objeto de estudo localiza-se na Rua Hermes Fontes, nº405, bairro Batel, datada em 1979. O Bairro Batel era o antigo caminho dos tropeiros, que passavam pela Avenida do Batel (Rua Bispo Dom José), sendo desde então um lugar com desenvolvimento em comércio e serviços, hoje com grande concentração de bares e restaurantes. O bairro, porém configurou como residencial, sendo hoje um dos bairros mais valorizados na cidade. Apresenta ainda uma grande qualidade no sistema viário e infraestrutura, pois além do poder aquisitivo dos seus moradores ser elevado, e o Eixo Estrutural principal eixo de desenvolvimento da cidade passa pelo bairro. Possui ainda acesso fácil a uma grande Rodovia (BR-277 – Curitiba Ponta Grossa).



Fonte: Google Earth

Figura 25. Localização da Casa 2.



Figura 26. Vistas a partir da Rua Hermes Fontes. Fonte: Autora

Na vizinhança da Casa 2 existe um predomínio de edificações residenciais unifamiliares de alto padrão, principalmente na Rua Hermes Fontes. O mesmo não ocorre na Rua Bispo Dom José, onde o predomínio é comercial, com a presença de muitos bares e restaurantes (Figura 27).

As edificações variam de um a dois pavimentos (Figura 28), porém destacando-se na paisagem um edifício com 12 pavimentos.



Figura 27. Tipologia Arquitetônica



Figura 28. Gabarito das edificações.

Existe um predomínio de edificações contemporâneas, porém o entorno da Casa 2 é dotado de exemplares de várias épocas. E Apenas um dos edifícios do seu entorno imediato possui características modernas (Figura 29).



Fotos: Autora. Figura 29. Linguagem Arquitetônica.

A fachada principal da casa 2 está orientada para noroeste. Assim como seus principais cômodos recebendo essa insolação. Todos os cômodos recebem iluminação direta ou indireta, através das janelas ou aberturas zenitais.

A Casa dispõe de boa ventilação com todas as faces soltas das divisas do terreno, e quando essa ventilação não é possível, temos aberturas zenitais ou pelo poço. Sendo os melhores ventos respectivamente são Sudeste, Sudoeste e Sul (Figura 30).



Figura 30. Insolação e ventilação, com destaques nas aberturas no telhado.

O desnível do terreno quase não se percebe, pois sua maior inclinação está implantada a residência, assim as áreas livres tendem ao plano. Como podemos ver nas figuras 31 e 32, sendo a cota mais baixa no nível da rua.



Figura 31. Topografia.

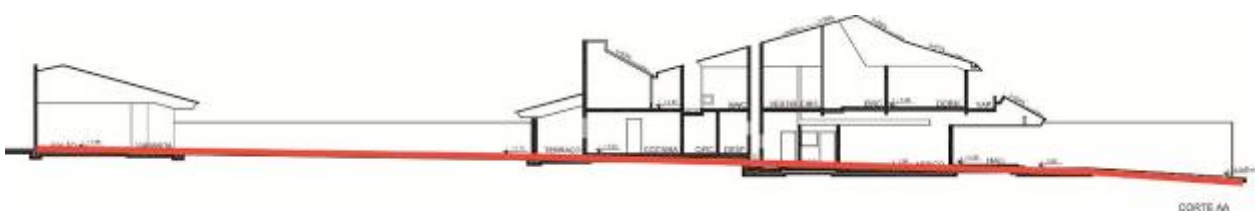


Figura 32. Corte AA – Desnível do terreno.

A residência voltada para a Rua Hermes Fontes, onde se encontra os acessos de veículos e de pedestre com os acessos social e de serviços conjugados (Figuras 33 e 34).

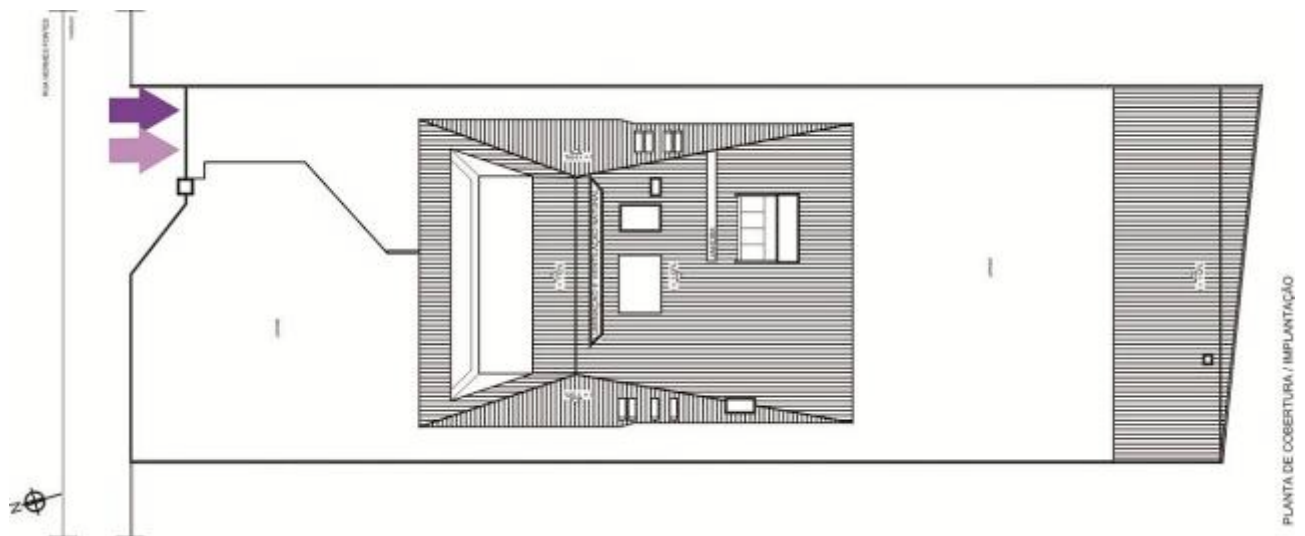


Figura 33. Implantação – Acessos.



Figura 34. Imagens dos acessos. Fonte: Autora.

A casa possui pequenos afastamentos laterais e recuo com jardim, e ao fundo jardim uma edícula para convívio social (Figura 35). Sua vegetação é predominantemente arbustiva e rasteiras, configurando seu jardim frontal com um paisagismo contemporânea (Figura 36).

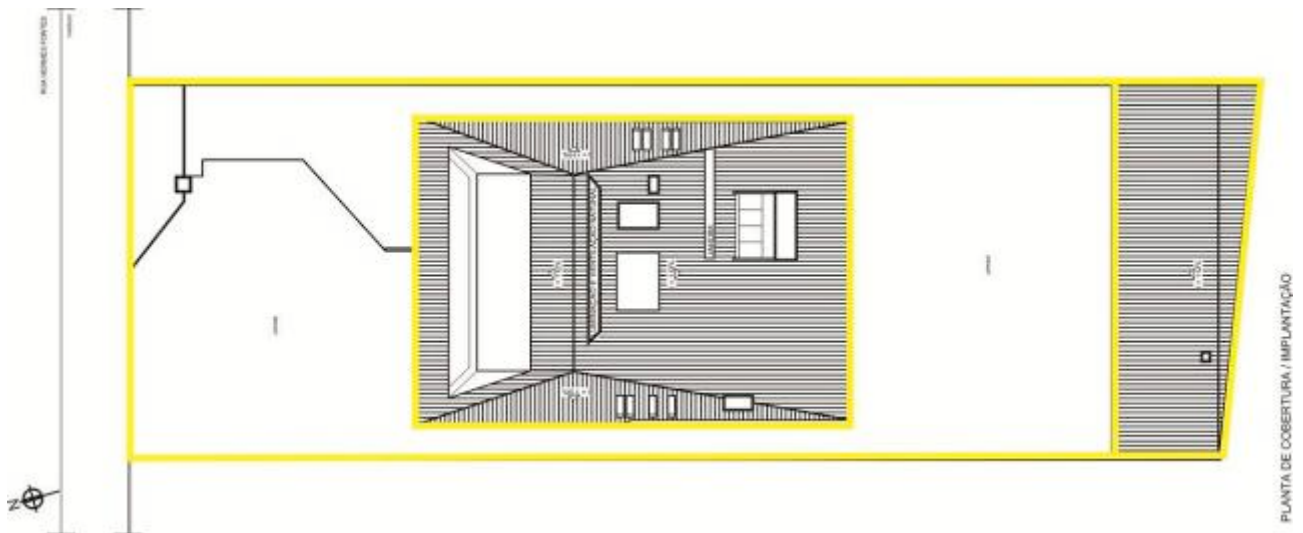


Figura 35. Implantação – Afastamento das divisas e edícula.



Fonte: Google Earth

Figura 36. Massas de vegetação.

A composição volumétrica da Casa 2 apresenta uma cobertura pirâmidal em quatro águas que dominam toda a composição espacial (Figura 37) com dois pavimentos na forma retangular, possui inclinação marcante (Figura 38) com aberturas em todas as orientações, para iluminação e ventilação, como também para marcar as varandas (Figura 39).



Figura 37. Cobertura piramidal e inclinações marcantes. Fonte: Autora.



Figura 38. Corte AA – Inclinação do telhado, aberturas, zenital e varanda com seta vermelha e poço de iluminação seta laranja.



Fonte: Google Earth

Figura 39. Aberturas no telhado.



A planta revela o cuidado do arquiteto em localizar os principais cômodos de acordo com a melhor insolação e ventilação. Assim a boa insolação, é aproveitada para os dormitórios a noroeste, como também o escritório e sala de estar. Os cômodos que recebem a insolação sudeste são estar íntimo, cômodos do setor de serviços e os que servem os dormitórios.

A ventilação da residência é inversamente proporcional à insolação, os cômodos melhores ensolarados não recebem o melhor vento e vice-versa. Contudo a casa é bem ventilada devido ao afastamento das divisas e aberturas zenitais (Figura 40).

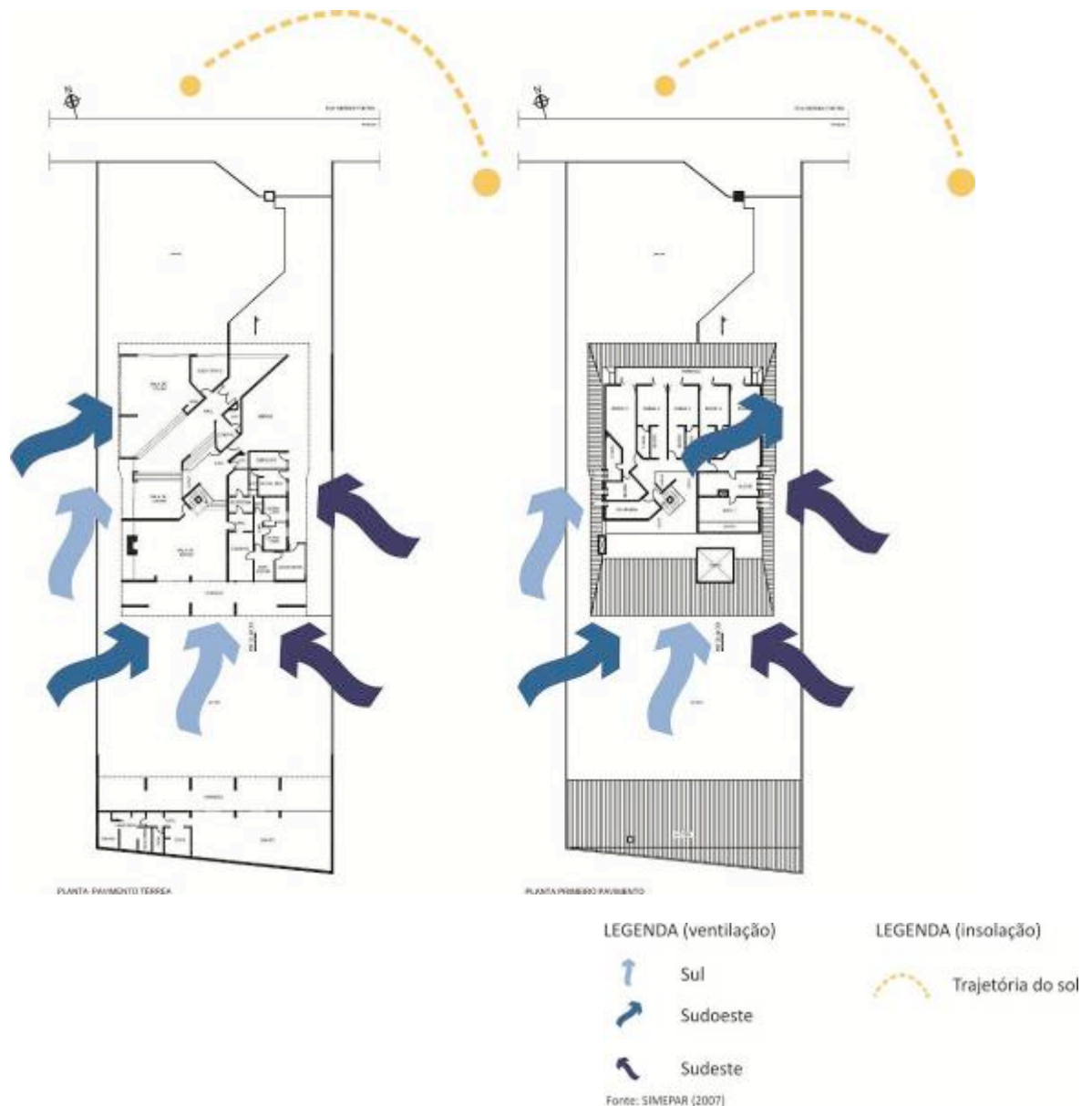


Figura 40. Plantas Pav. Térreo e Superior – Ventilação e insolação.

A residência de alto padrão apresenta sua maior área no setor social, uma das características presente em boa parte das residências da mesma época, as quais se dedicavam mais a vida social do que propriamente a vida familiar.

Apresenta ainda cômodos característicos das famílias de 1970 como dormitórios e dependências das empregadas (Figura 41).

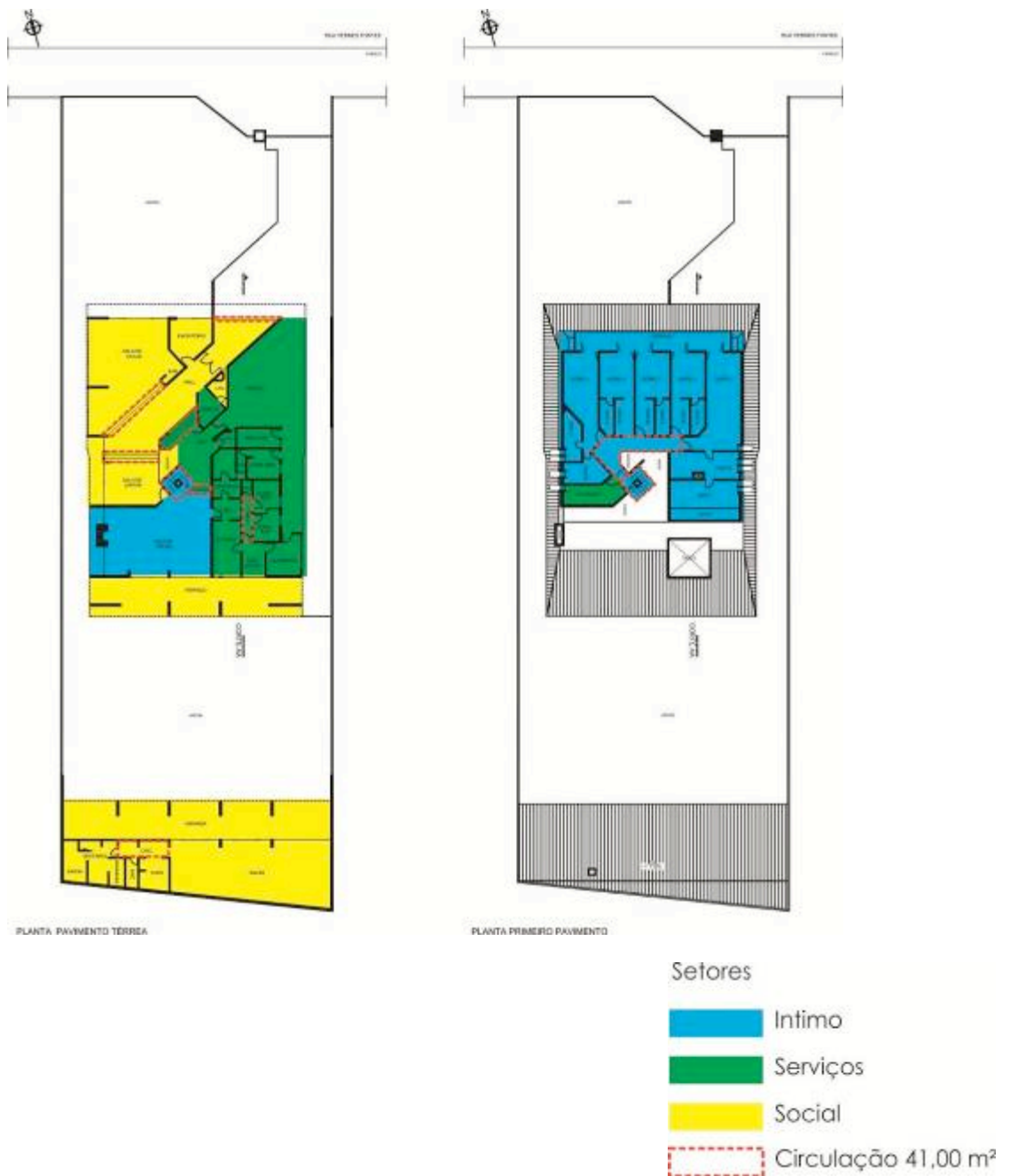


Figura 41. Plantas Pav. Térreo e Superior – Setores.

<b>Intimo</b>	<b>244,75 m<sup>2</sup></b>	<b>Social</b>	<b>415,75m<sup>2</sup></b>	<b>Serviço</b>	<b>190,40 m<sup>2</sup></b>
Estar intimo	69.10 m <sup>2</sup>	Estar Social	63.70 m <sup>2</sup>	Cozinha	13.55 m <sup>2</sup>
Dormitórios	97.40 m <sup>2</sup>	Hall	35.35 m <sup>2</sup>	Dispensa	04.30 m <sup>2</sup>
BWCs	38.15 m <sup>2</sup>	Sala de Jantar	21.15 m <sup>2</sup>	Lavanderia	11.25 m <sup>2</sup>
Vestir	41.65 m <sup>2</sup>	Escritório	13.50 m <sup>2</sup>	Dorms. emp.	15.85 m <sup>2</sup>
		Bar	02.95 m <sup>2</sup>	Bwc emp.	03.30 m <sup>2</sup>
		Lavabo	03.70 m <sup>2</sup>	Estar emp.	06.80 m <sup>2</sup>
		Terraço	71.40 m <sup>2</sup>	Abrigo	87.00 m <sup>2</sup>
		Varanda	90.10 m <sup>2</sup>	Cristaleira	05.65 m <sup>2</sup>
		Salão	81.25 m <sup>2</sup>	Hall serv.	19.90 m <sup>2</sup>
		Copa	08.25 m <sup>2</sup>	Lavabo serv.	02.35 m <sup>2</sup>
		Bwc	06.95 m <sup>2</sup>	Depósito	07.30 m <sup>2</sup>
		Sauna	07.65 m <sup>2</sup>	Rouparia	10.45 m <sup>2</sup>
		Vestiário	09.70 m <sup>2</sup>		05.70 m <sup>2</sup>
<b>Área total 894.90 m<sup>2</sup></b>					

## SETORES

■ Intímo ■ Social ■ Serviço ■ Circulação

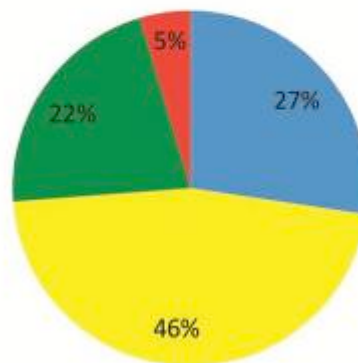


Figura 42. Tabela e gráfico com setores da residência.

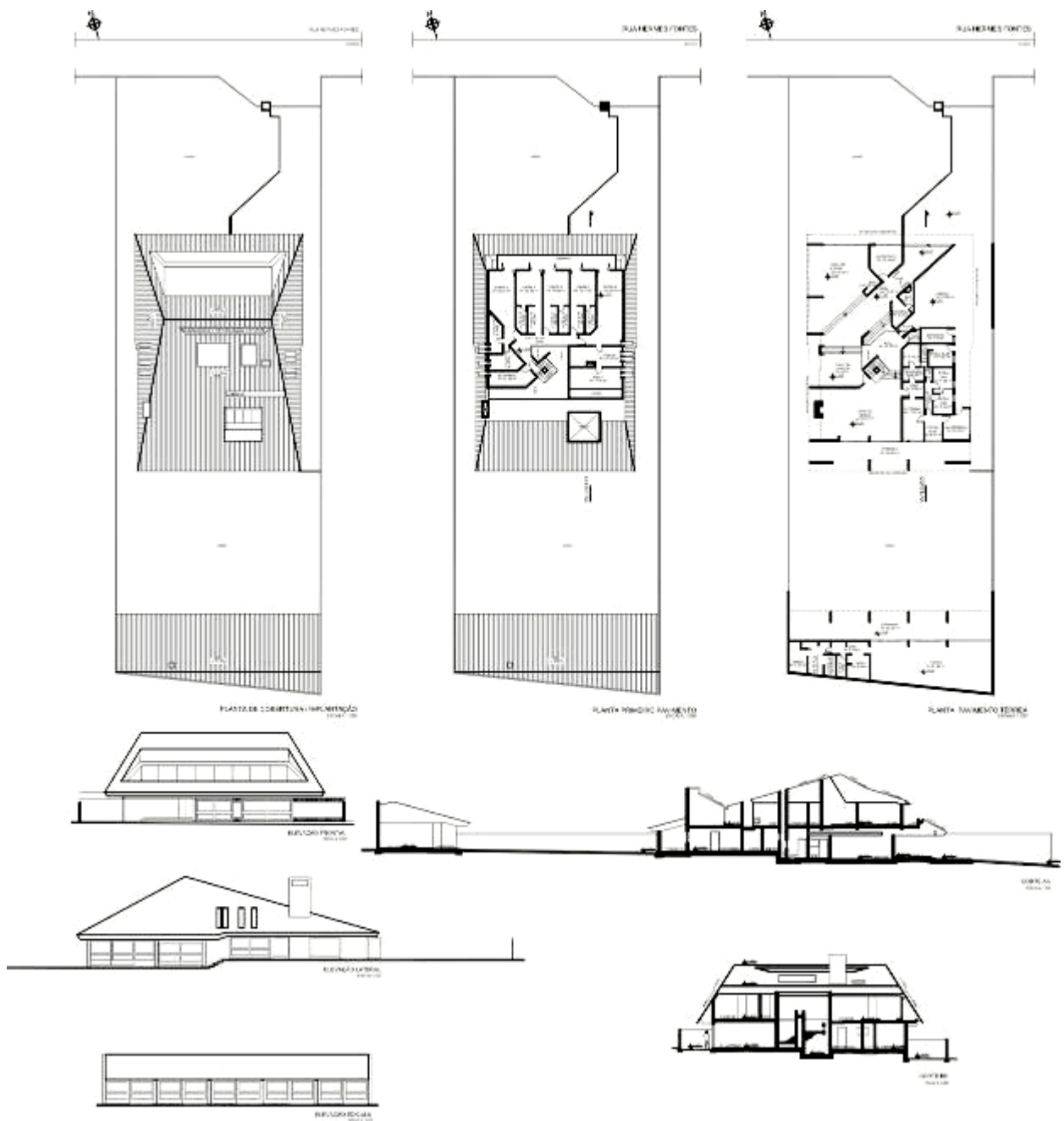


Figura 43. Redesenho do projeto arquitetônico Casa 2.

## CASA 3

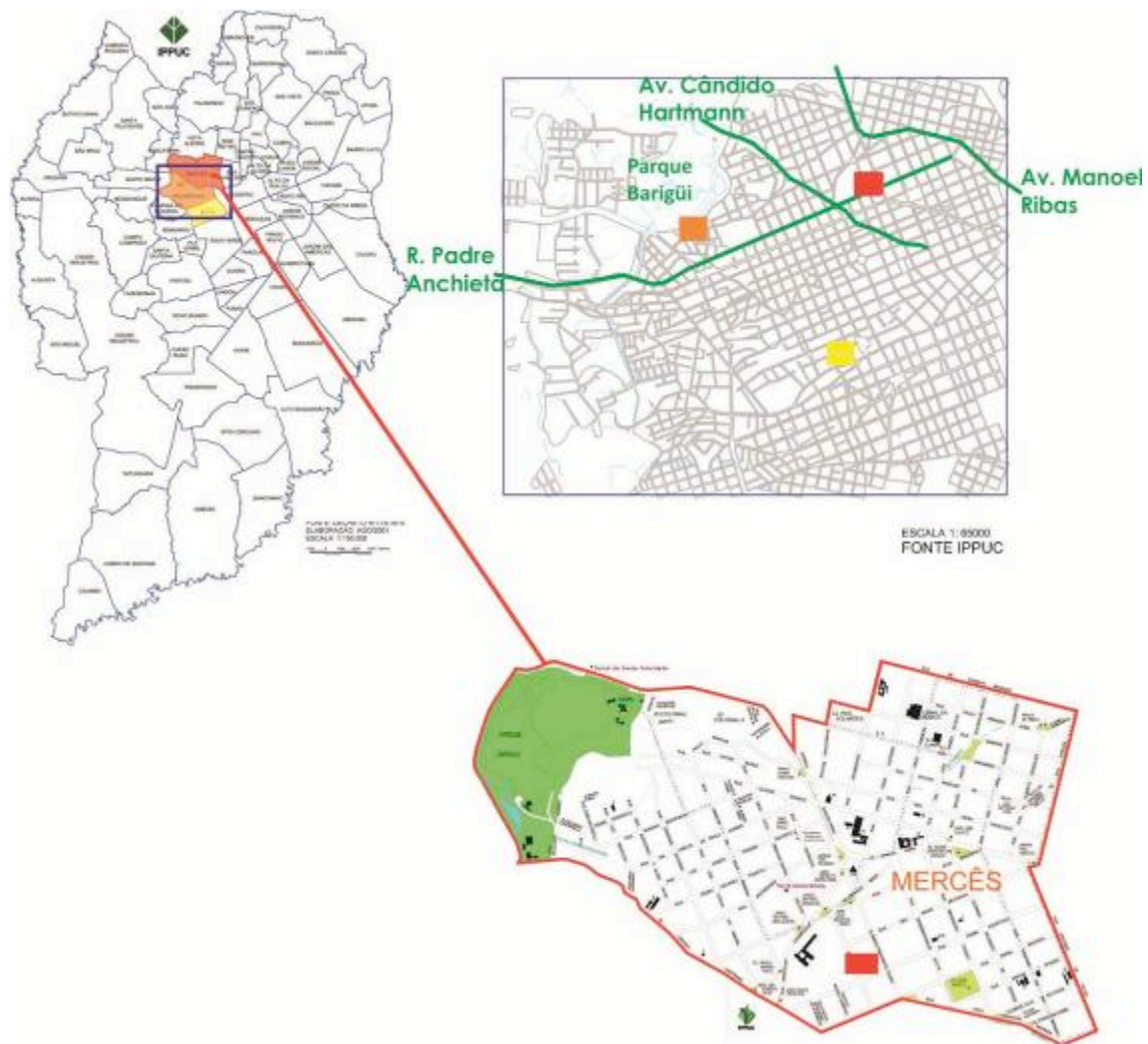


Figura 44. Mapa do entrono da Casa 3 em vermelho.

A Casa 3 objeto de estudo, localiza-se na Rua Fernando Simas, nº1010, Bairro Mercês, datada em 1989. O bairro das Mercês abriga importantes construções históricas e artísticas. Como a Igreja das Mercês, a Torre Panorâmica da Telepar, o Canal da Música, dentre outros. Parte do Parque Barigüi fica no bairro valorizando ainda a paisagem natural da região.



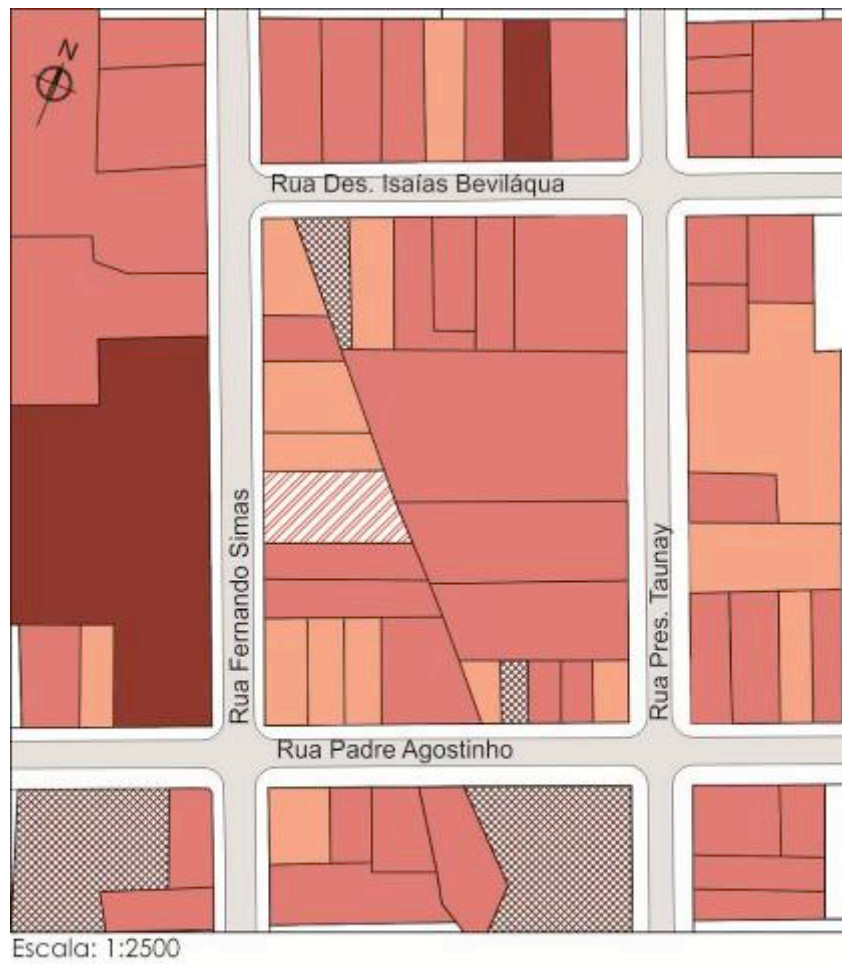
Fonte: Google Earth

Figura 45. Localização da Casa 3.



Foto: Autora. Figura 46. Vistas a partir da Rua Fernando Simas.

Na vizinhança da Casa 3 existe um predomínio de edificações residenciais unifamiliares de alto padrão e de comércio vicinal (Figura 47), as edificações variam entre um e dois pavimentos, poucas chegam a três pavimentos (Figura 48). A dinâmica da região chega aos extremos em alguns horários do dia, pela presença de edificações institucionais como exemplo a Escola Positivo, sendo a região calma durante a maior parte do dia, e os horários de pico o movimento é extremo. A presença da escola não muda apenas a dinâmica da região, mas também a configuração das quadras.



Legenda

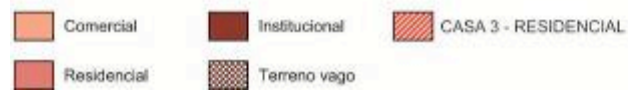
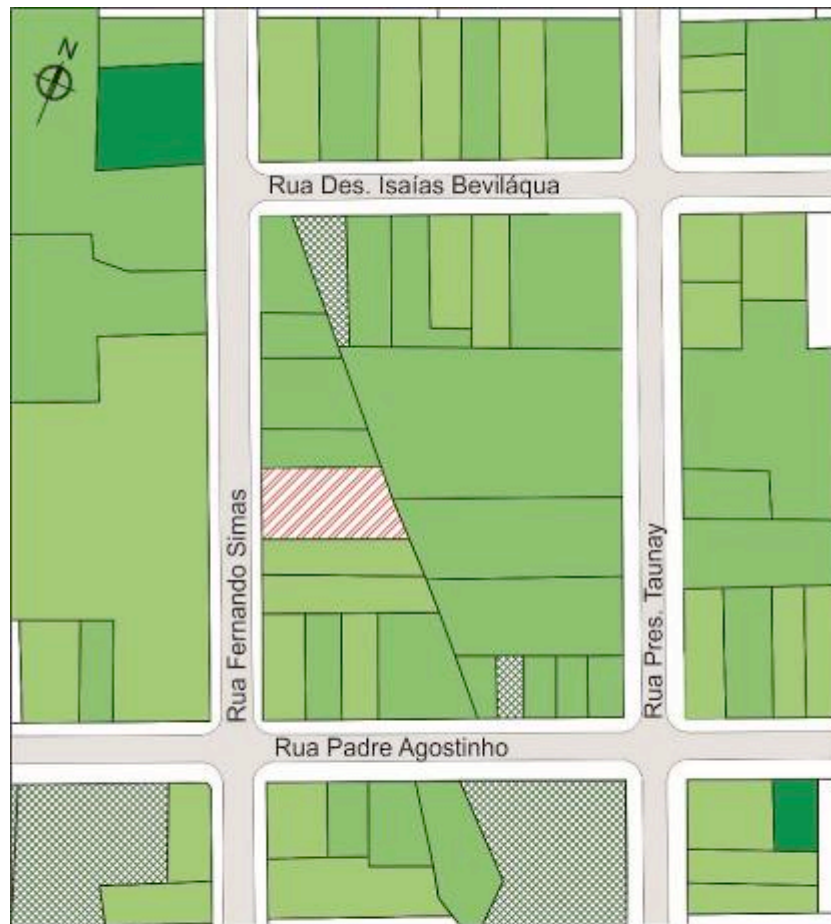


Figura 47. Tipologia Arquitetônica



Escala: 1:2500

Legenda






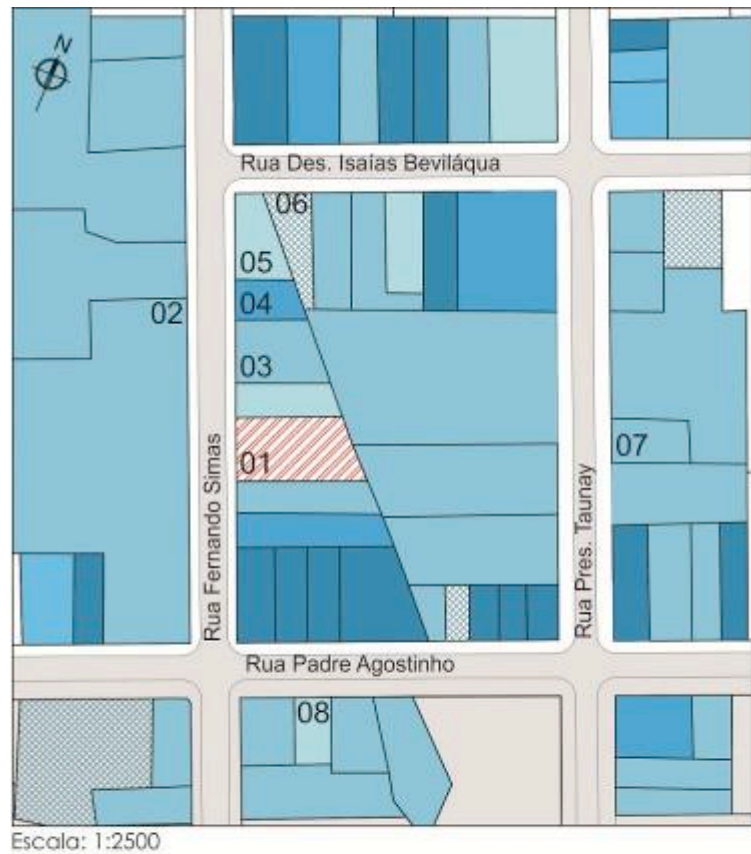
- |  |  |   |
|--|--|---|
|  1 Pavimento  |  3 Pavimentos |  CASA 3 - 3 PAVIMENTOS |
|  2 Pavimentos |  Terreno vago |   |

Figura 48. Gabarito das Edificações.

Existe um predomino de edificações contemporâneas, contudo a variedade de linguagem arquitetônicas é marcante, principalmente pelas casas que apresentam características modernistas (Figura 49).





Legenda

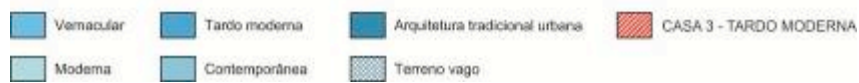


Figura 49. Tipologia Arquitetônica. Fonte: Autora.

A fachada principal da Casa 3 está orientada para sudoeste. Sendo seus principais cômodos nos fundos para receber a insolação nordeste. A casa dispõe de boa ventilação, pois todas as faces estão soltas das divisas do terreno. Sendo os melhores ventos respectivamente Sudeste, Sudoeste e Sul (Figura 50).



Figura 50. Insolação e ventilação.

O terreno possui um desnível de aproximadamente 5m nos seus pontos mais críticos, e desce a rua no sentido da rua Padre Agostinho (Figura 51).

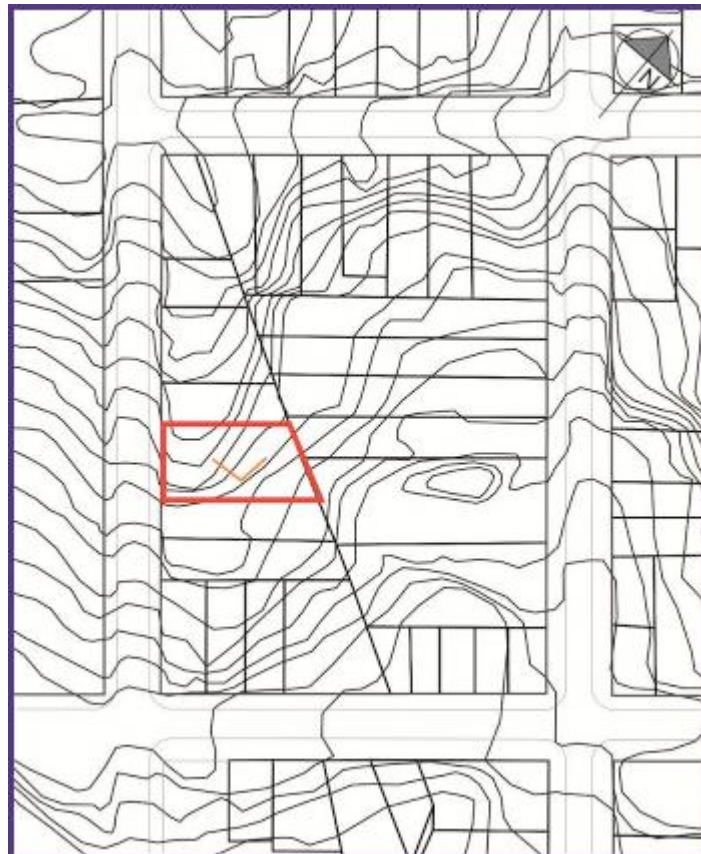


Figura 51. Topografia com caimento para a direita.

Com o desnível acentuado da rua o arquiteto tira partido para hierarquizar o acesso de pedestre em relação ao de veículos que fica no nível do subsolo (Figura 52).



Figura 52. Desnível com hierarquia de acessos. Fonte: Autora.

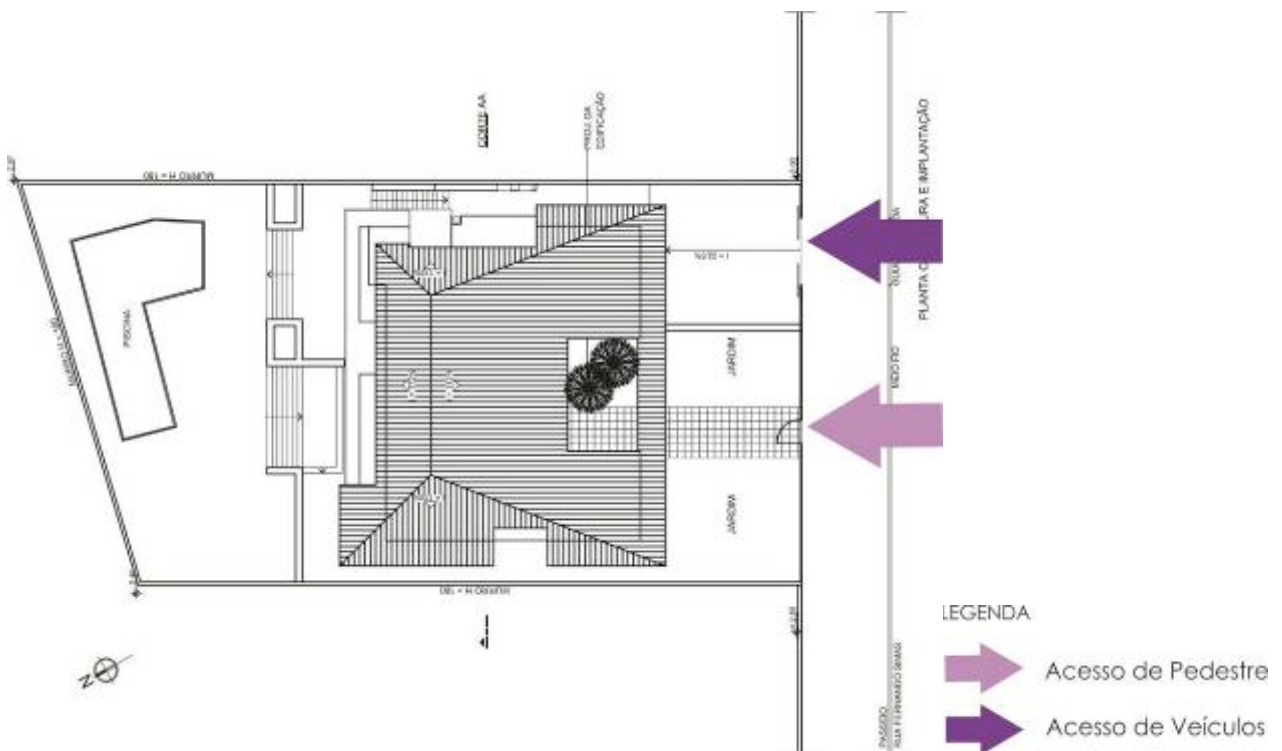


Figura 53. Implantação – Acessos.

Apresenta recuo frontal com jardim, afastamento lateral e aos fundos piscina para convívio social (Figura 54). Sua vegetações é rasteiras e arbustivas com paisagismo contemporâneo (Figura 55).

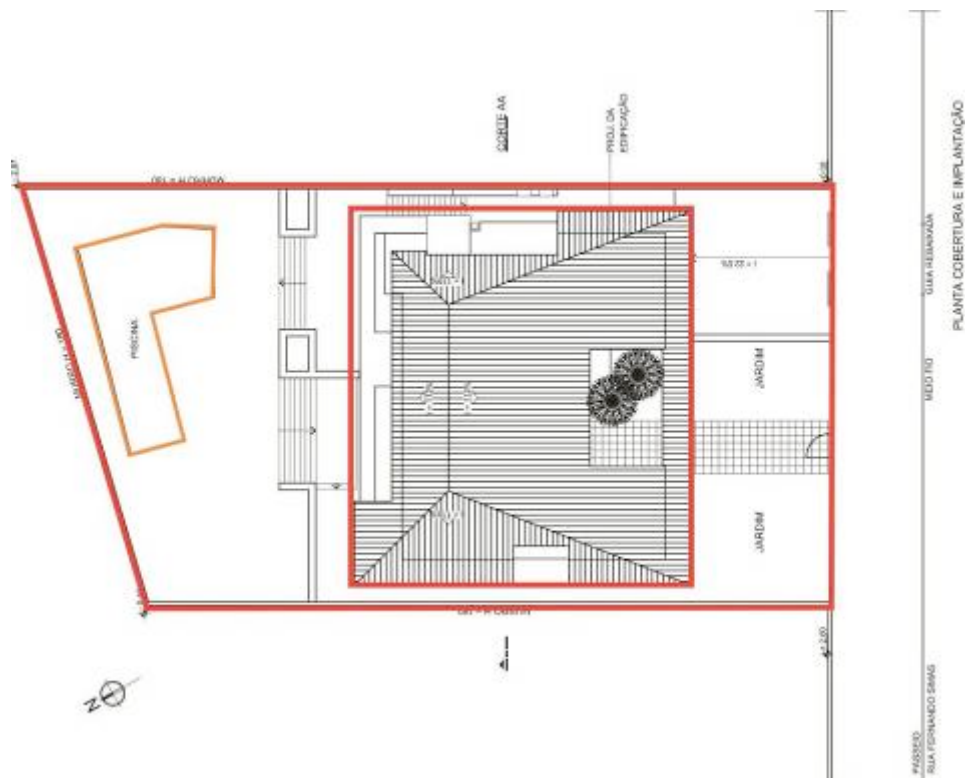


Figura 54. Implantação – Afastamentos das divisas do terreno com destaque na piscina.



Figura 55. Paisagismo. Fonte: Autora

A cobertura pirâmidal domina toda a composição espacial do volume retangular em dois pavimento com subsolo. A grande ênfase no telhado está na sua inclinação superior a 100% e na abertura zenital para marcar a entrada com vegetação (Figuras 56 e 57).

A insolação permite grandes aberturas para a frente da casa, como já analisado o arquiteto setoriza a casa conforme essas condicionantes naturais com isso o setor de serviços fica voltado para a rua, o que acarreta nos cobogós como vedação da fachada (Figura 57).

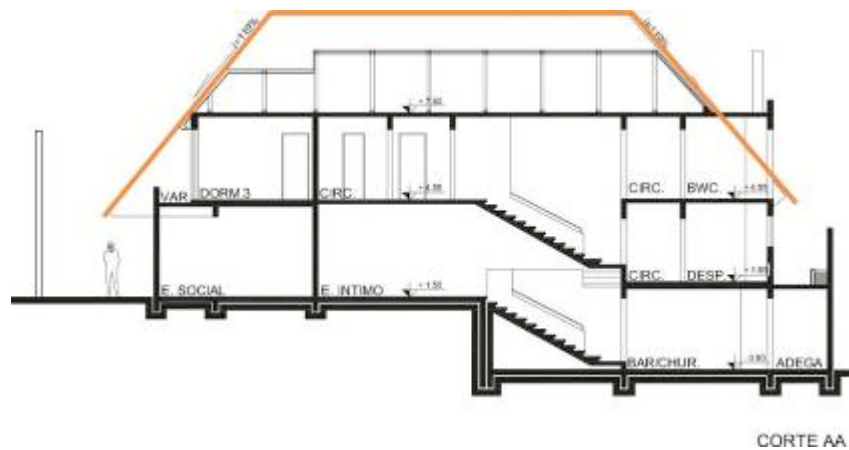


Figura 56. Corte AA – Inclinação do telhado.



Figura 57. Inclinação do telhado, zenital com vegetação e fechamento em cobogó. Fonte: Autora.

A Casa apresenta boa insolação nos seus principais cômodos, os dormitórios 1 e 2 e o dormitório do casal recebem a melhor insolação à nordeste, como também estar social e íntimo, cozinha e copa. Os demais cômodos recebem à sudoeste como escritório, dormitórios de empregadas,

closet, dormitório 3 e estar. Os outros cômodos localizados nas laterais do terreno recebem menos insolação pela proximidade da divisa (Figura 58).

A ventilação da residência é inversamente proporcional a insolação, os cômodos melhores ensolarados não recebem os melhores ventos e vice-versa(Figura 58).

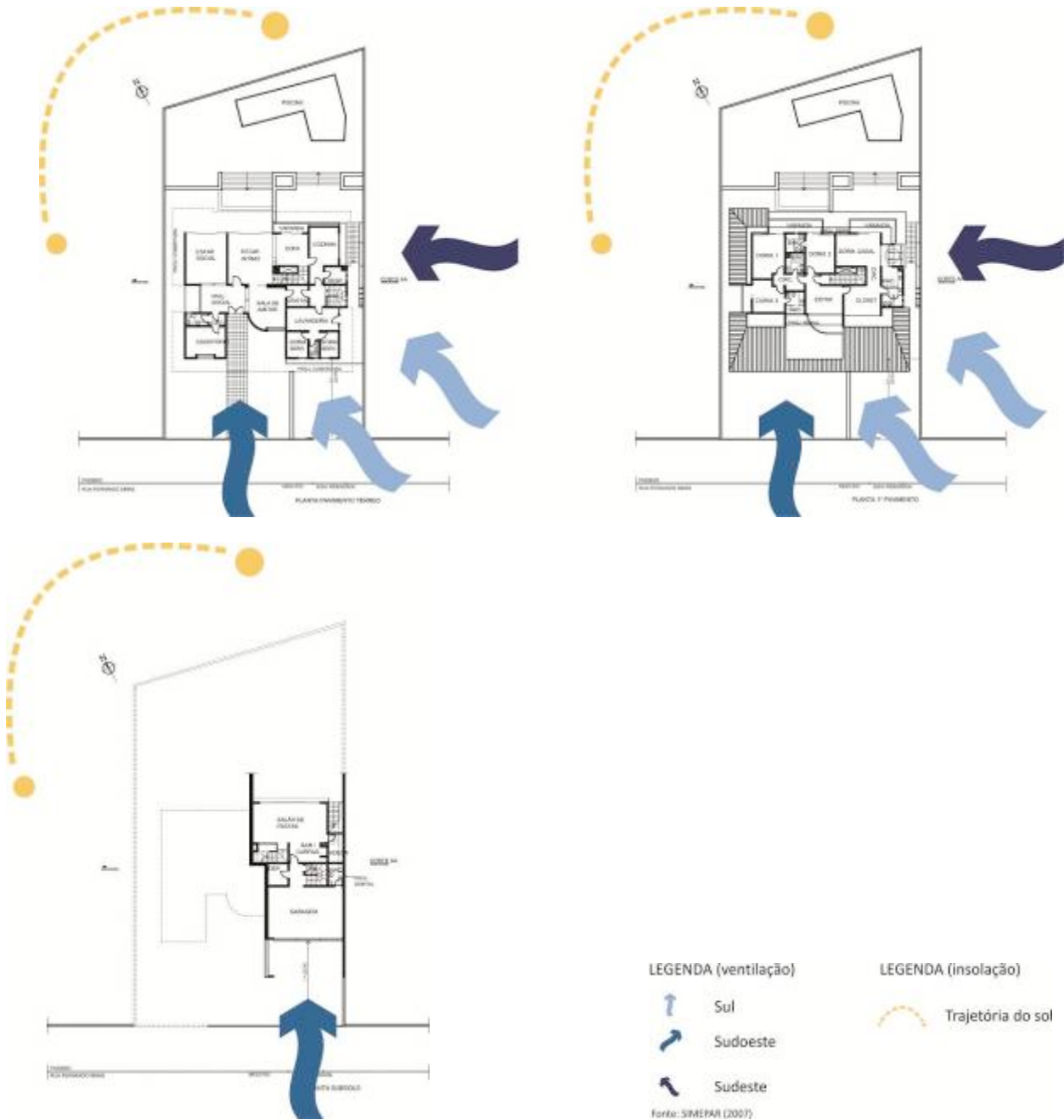


Figura 58. Plantas Pav. Térreo, Superior e Subsolo – Ventilação e insolação.

A residência de alto padrão apresenta sua maior área no setor social, uma das características presente em boa parte das residências da mesma época, as quais dedicavam-se mais a visa social do que propriamente a vida familiar. Outra característica bem marcante é a dependência das empregadas, presente no estilo de vida das famílias do século passado (Figura59).



Figura 59. Plantas Térreo, Superior e Subsolo – Setorização.

<b>Íntimo</b>	<b>201,90 m<sup>2</sup></b>	<b>Social</b>	<b>402,25 m<sup>2</sup></b>	<b>Serviço</b>	<b>130,45 m<sup>2</sup></b>
Estar	14.50 m <sup>2</sup>	Estar	29.70 m <sup>2</sup>	Cozinha	19.35 m <sup>2</sup>
Estar íntimo	32.45 m <sup>2</sup>	Hall	18.00 m <sup>2</sup>	Dispensa	05.00 m <sup>2</sup>
Copa	14.25 m <sup>2</sup>	Sala de Jantar	20.25 m <sup>2</sup>	Cristaleira	06.50 m <sup>2</sup>
Varandas	24.25 m <sup>2</sup>	Salão de Festas/	48.70 m <sup>2</sup>	Lavanderia	16.60 m <sup>2</sup>
Dormitórios	68.35 m <sup>2</sup>	Churrasqueira/		Dormitórios emp.	14.10 m <sup>2</sup>
BWCs	33.20 m <sup>2</sup>	Bar		Banheiro emp.	02.35 m <sup>2</sup>
Close	15.20 m <sup>2</sup>	Adega	05.70 m <sup>2</sup>	Depósito	05.75 m <sup>2</sup>
		Piscina	259.90 m <sup>2</sup>	Garagem	56.55 m <sup>2</sup>
		Lavabo	03.70 m <sup>2</sup>	Banheiro	04.25 m <sup>2</sup>
		Escritório	16.35 m <sup>2</sup>	(garagem)	
<b>Área total 889.90 m<sup>2</sup></b>					

## SETORES

■ Íntimo ■ Social ■ Serviço ■ Circulação

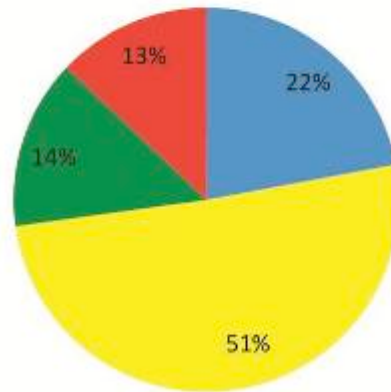


Figura 60. Tabela e gráfico com setores da residência.



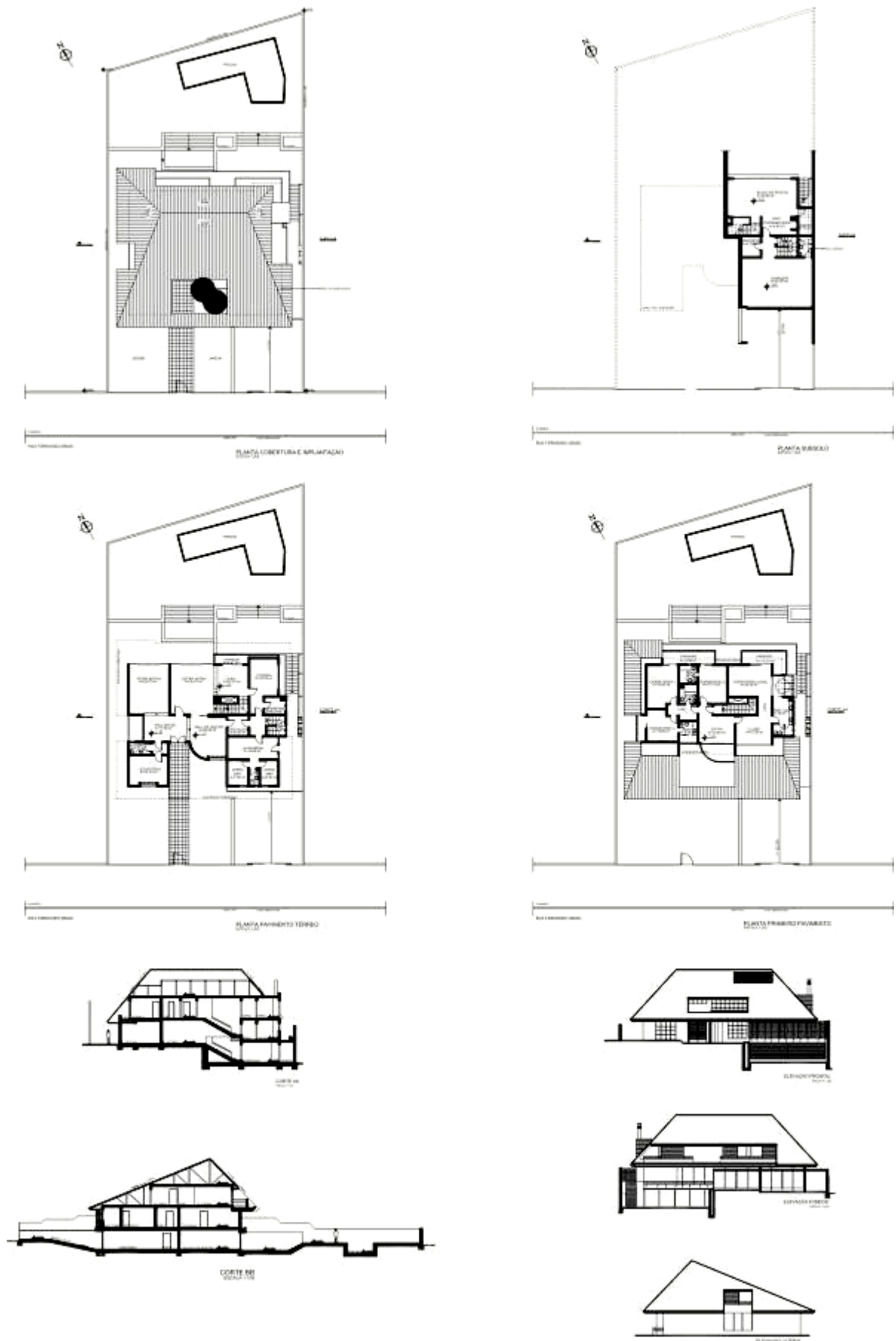


Figura 61. Redesenho do projeto arquitetônico Casa 3.

## CONCLUSÃO

Este estudo sobre a produção do arquiteto Julio Pechman, buscou compreender as especificidades da sua arquitetura, em relação à produção da arquitetura moderna de Curitiba, mais conhecida no âmbito acadêmico, e divulgar a obra desse arquiteto, no sentido de apresentá-la como uma expressão da cultura e do momento histórico local. Em paralelo, observa-se que os elementos que a caracterizam compõem um repertório, aqui denominado tardo moderno.

Os resultados das análises das três residências, que foram projetadas e/ou construídas entre 1970 a 1980, permitem identificar semelhanças entre elas, que remetem ao repertório formal supracitado. A primeira característica facilmente identificada diz respeito à presença dos telhados, com grande inclinação e forma geométrica expressiva no conjunto construído, apontando para uma segunda característica, que são as aberturas zenitais e as varandas, decorrentes de rasgos na volumetria do telhado. Tais elementos em nada se assemelham à produção modernista dos pioneiros, como Rubens Meister e Loló Cornelsen, dentre outros, e aparecem como uma expressão muito particular do geometrismo e expressionismo dos arquitetos locais, dos anos 60 e 70, inclusive o próprio Pechmann, em fase anterior. Fase esta em que sua arquitetura assemelhava-se muito com a de Eduardo Longo, conforme observado por arquitetos locais, baseados em análise sobre a produção de Longo, feita por Bruand (2003).

Ainda se somam como característica de uma produção tardia a localização do conjunto de casa do arquiteto com características semelhantes à das 3 casas estudadas, em bairros mais afastados do centro ou em áreas de expansão dos bairros tradicionais, revelando outro momento da cidade, pós implantação dos eixos estruturais e dos parques.

Dos modernos, o arquiteto preserva a edificação solta das divisas, com jardins completando a composição e a orientação que tira partido da ventilação e insolação.

Nos espaços internos, predominam áreas generosas, voltadas para o lazer e áreas íntimas. Os programas das casas são muito semelhantes, revelando o poder econômico de seus proprietários. A disposição em ângulo de 45°, predominantemente, além de promover dinâmica dos espaços, pode ser lida como um traço consolidado, decorrente da fase de experimentação, que marcou sua arquitetura na década anterior.

Apesar deste estudo apresentar as análises de apenas três residências, do conjunto de nove que foram estudadas no Programa de Iniciação Científica da UP, a produção de Julio Pechman, é bastante vasta, sendo possível observar fases distintas em sua carreira, desde o início dos anos 70.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUAND, Yves. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 2003.

DUDEQUE, Irã Taborda. **Espirais de Madeira: uma história da arquitetura em Curitiba**. São Paulo: Studio Nobel, 2001.

GNOATO, Salvador. **Arquitetura do movimento moderno em Curitiba**. Curitiba: Travessa dos Editores, 2009.

MINDLIN, Henrique E. **Arquitetura Moderna no Brasil**. Rio de Janeiro: Aeroplano, Editora, 1999.

SANTOS, Maria da Graça. **Arquitetura moderna no Brasil: dos pioneiros a Brasília**. Revista Da Vinci. Curitiba: Universidade Positivo, 2003.

SEGAWA, Hugo. **Arquitetura no Brasil 1900-1990**. São Paulo: Edusp, SP 1999.

CURTIS, William J. R. **Arquitetura Moderna desde 1900**. São Paulo: Editora Bookman 2008.

XAVIER, Alberto. **Arquitetura Moderna em Curitiba**. São Paulo: Pini, 1ª edição, 1986.